



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE TEATRO**  
**LICENCIATURA EM TEATRO**

**BRENDA NAYLA SANTOS LIMA DA SILVA**

**TECENDO CAMINHOS:**

Práticas didático-pedagógicas em teatro negrorreferenciado para estimular o projeto de vida de jovens negros da periferia

Salvador - Bahia

2023

**BRENDA NAYLA SANTOS LIMA DA SILVA**

**TECENDO CAMINHOS:**

Práticas didático-pedagógicas em teatro negrorreferenciado para estimular o projeto de vida de jovens negros da periferia

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de graduação em Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Evani Tavares Lima

Salvador - Bahia

2023

**BRENDA NAYLASANTOS LIMA DA SILVA**

**TECENDO CAMINHOS:**

Práticas didático-pedagógicas em teatro negrorreferenciado para estimular o projeto de vida de jovens negros da periferia

Data de aprovação 18 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente

**EVANI TAVARES LIMA**

Data: 07/02/2024 16:32:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora Evani Tavares Lima – Orientadora

Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP

Documento assinado digitalmente



**LÍVIA SUDARE DE OLIVEIRA**

Data: 07/02/2024 16:01:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora Lívia Sudare de Oliveira – Coorientadora

Doutora em Teatro pelo Programa de Pós Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Professora Doutora Cristiane Santos Barreto

Doutora em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC- UF

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu querido Jesus, por ter me sustentado e fortalecido até aqui, a Deus dono do tempo que parou o mesmo, para que conseguisse chegar a tempo e fazer as provas de Habilidades Específicas em 2018, a ele seja dada toda honra e glória, ao Espírito Santo meu consolador, amigo de todas as horas, essa vitória não existiria sem essa trindade santa que fez meu sonho se tornar possível.

Aos meus pais, declaro aqui a minha profunda gratidão, a minha mãe Raquel Santos por acreditar em mim, até quando eu não acredito, obrigada por me impulsionar sempre, eu te amo e esse sonho é nosso, foi através de você que conheci a arte teatral e me apaixonei, mamis obrigada por me ofertar todo carinho e amor que preciso e fazer dessa jornada mais leve, pois posso contar sempre com seu colo e aconchego, é clichê mas tenho que dizer, você é a melhor mãe do universo.

Em especial ao meu pai do coração Danilo Santana, obrigado por estar comigo em todos os momentos, me oferecendo apoio, colo e aconchego, a minha eterna gratidão por ser o maior incentivador da minha entrada na graduação, ainda ouço a sua voz dizendo: "você vai sim, vamos tentar passar nessa prova", vocês são minha base e essa vitória é dedicada a vocês.

Às minhas amigas, em especial Jéssica, uma querida amiga do ensino médio, que incentivou esse sonho de entrar em Teatro na Universidade, obrigada por tanto. A Clara Novais por ser uma parceira e me ouvir e aconselhar, a Vivian Soares por vibrar junto comigo em todas as conquistas universitárias.

A Rosângela, essa grande colega da universidade, obrigada pelas conversas e conselhos que foram valiosos para esse processo, um cheiro. A Fernanda Nascimento uma grande amiga que o teatro me deu, expresso aqui os meus agradecimentos, juntas experimentamos o fazer teatral através do online obrigada por toda parceria.

Meus mais profundos agradecimentos, ao meu benção Isaque Andrade, que dádiva poder contar como você, obrigado por ser um companheiro incrível nessa jornada, pela escuta, disponibilidade e todo carinho, suas palavras me acolhiam e aliviava o meu cansaço você

realmente é um presente na minha vida, não poderia deixar de mencionar seus pais Lúcia e Jaques meu muito obrigada por me acolherem nesta jornada.

Ao meu pai Giovane Lima, obrigado pelos ensinamentos sobre raça, cultura e teatro negro, você tem grande importância no que se refere ao meu letramento racial, e no meu processo de me reconhecer como uma mulher negra, logo você tem influência na escolha da temática dessa monografia, expresso aqui a minha gratidão.

Meus familiares, vocês são incríveis, em especial aos meus avôs Hermínio, José Pereira que já se foram, mas me ensinaram tanto sobre a vida, a arte e como ser uma pessoa criativa e alegre. Às minhas avós Clementina e Maria vocês me inspiram e me ensinam tanto, (a neta de vocês está formada!!). Sou grata às minhas tias, em especial minha tia Rita e Cláudia sou muito agradecida pelo carinho e orações, a meu tio Antônio Cosme que me auxiliou com todo carinho e cautela nesse processo da monografia.

Aos professores, que demonstraram uma educação afetuosa e acolhedora em minha trajetória, em especial a professora Andréa Carvalho por me apresentar o Teatro na escola e por me ensinar que não se faz educação sem afetividade e a Sueli França, uma segunda mãe e a melhor professora de reforço escolar que poderia ter, você tem uma generosa contribuição na minha educação

A minha periferia Nova Sussuarana, por me proporcionar saberes únicos e potentes. Aos autores, estudiosos e intelectuais negros (as), meus agradecimentos, irei prosseguir sabendo a importância de uma educação antirracista, afetiva que evidencia os nossos valores e saberes.

A minha orientadora, Evani Tavares a quem tenho muito carinho e admiração, obrigada por aprimorar meu repertório com sua sabedoria e fazer desse momento mais leve. A Livia Sudare minha coorientadora, meus mais profundos agradecimentos pela parceria, incentivo e palavras acolhedoras, você me ensina muito sobre uma educação afetiva. A Cristiane Barreto a quem tenho muito carinho e apreço, obrigado por abrilhantar meus caminhos com seus conhecimentos e conselhos.

Por fim, agradeço a todos (as) que torceram por mim e somaram nesse ciclo, conseguimos!

O maior dos espíritos habita em mim  
Eu sou a casa que ele escolheu para morar  
Por causa disso já posso suportar  
No final de tudo eu vou poder dizer  
Que lutei o bom combate  
Acabei a carreira, guardei a fé  
Hei de terminar minha batalha em pé  
Um dia desses que eu não sei ao certo qual é  
Isso acontecerá, até lá não deixarei de acreditar  
Que maior é o que está em mim do que o que está  
no mundo  
Sendo assim enfrento tudo.

[Pregador Luo, 2008]

SILVA Brenda Nayla Santos Lima da. **Tecendo caminhos:** práticas didático-pedagógicas em teatro negrorreferenciado para estimular o projeto de vida de jovens negros da periferia. 2023. Orientador: Evani Tavares Lima. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, situa-se no contexto da pesquisa em Artes, apresentando uma abordagem qualitativa e configurando-se como um relato de experiência de duas incursões no exercício da docência. A primeira ocorreu no Colégio Estadual Rotary, junto às turmas de ensino médio, enquanto a segunda foi uma experiência acadêmica conduzida por meio da disciplina de Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III (2023) Salvador, envolvendo a ministração da Oficina Teatral: Em busca de mim. A metodologia adotada não se limita ao relato da docente em exercício; engloba a descrição detalhada de procedimentos e práticas didático-pedagógicas e artísticas concebidas durante as atividades, bem como relatos dos participantes e trechos dos relatórios dessas ações. O objetivo central é analisar as práticas educacionais, fundamentadas no teatro negrorreferenciado, implementadas nessas experiências, visando estimular os participantes a construir seus projetos de vida. Este relato busca destacar e analisar os conteúdos, procedimentos e ferramentas diretamente empregados nas práticas pedagógicas, fundamentadas no ensino-aprendizado do teatro negro, como abordagem para a construção do projeto de vida dos jovens participantes. O conceito de projeto de vida, conforme definido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), representa a sexta competência geral e visa capacitar os discentes a valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências que os habilitem a realizar ações transformadoras na sociedade. A perspectiva adotada por esta pesquisa é que práticas teatrais negrorreferenciadas têm o potencial não apenas de estimular o sonho, mas de fazê-lo com propósito, semeando e encorajando realizações que transcendem o individualismo, abraçando o coletivo. Isso se revela crucial, especialmente, ao despertar jovens negros para projetarem futuros possíveis, mesmo quando habitam periferias frequentemente negligenciadas pelas políticas públicas, onde a cidadania plena é muitas vezes uma aspiração não atendida. A relevância destas práticas vai além do fazer artístico, almejando promover autoconhecimento, afirmação da identidade e reflexão sobre a história e realidade dos participantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro negro; Juventude negra; Projeto de vida; Periferia; Educação Antirracista

SILVA, Brenda Nayla Santos Lima da. Weaving paths: didactic-pedagogical practices in Black-referenced theater to stimulate the life project of black youth from the periphery. 2023. Advisor: Evani Tavares Lima. 76 p. Undergraduate thesis – School of Theater, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

### **ABSTRACT**

This course conclusion work is located in the context of research in Arts, presenting a qualitative approach and configuring itself as an experience report of two forays into teaching. The first took place at Colégio Estadual Rotary, alongside high school classes, while the second was an academic experience conducted through the discipline of Internship Practice in Theater Pedagogy III (2023) Salvador, involving the delivery of the Theater Workshop: In Search of me. The methodology adopted is not limited to the report of the in-service teacher; encompasses a detailed description of didactic-pedagogical and artistic procedures and practices designed during the activities, as well as reports from participants and excerpts from reports on these actions. The central objective is to analyze the educational practices, based on black-referenced theater, implemented in these experiences, aiming to encourage participants to build their life projects. This report seeks to highlight and analyze the contents, procedures and tools directly used in pedagogical practices, based on the teaching-learning of black theater, as an approach to building the life project of the young participants. The concept of Life Project, as defined in the National Common Curricular Base (BNCC, 2018), represents the sixth general competence and aims to enable students to value and appropriate knowledge and experiences that enable them to carry out transformative actions in society. The perspective adopted by this research is that black-referenced theatrical practices have the potential not only to stimulate the dream, but to do so with purpose, sowing and encouraging achievements that transcend individualism, embracing the collective. This proves to be crucial, especially when awakening young black people to project possible futures, even when they live in peripheries often neglected by public policies, where full citizenship is often an unmet aspiration. The relevance of these practices goes beyond artistic creation, aiming to promote self-knowledge, affirmation of identity and reflection on the history and reality of the participants.

**Keywords:** Black theater; Black youth; Life Project; Periphery; Anti-Racist Education.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Sarau da onça (2021) .....	17
Figura 2- Oficina teatro no Colégio Estadual Ruth Pacheco.....	21
Figura 3 – Cartazes do Pré-intensivão de Artes Cênicas.....	24
Figura 4- Festival Corpo em Movimento .....	24
Figura 5-Oficina Teatral para turma de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).....	27
Figura 6- Ementa do plano de ensino, aplicado na disciplina eletiva de teatro.....	34
Figura 7- Conteúdo programático da disciplina eletiva de teatro.....	38
Figura 8- Cena é “É de menino ou de menina?”, das estudantes Ana Luiza e Yasmin da turma do 1º ano- Colégio Estadual Rotary .....	41
Figura 9- Mapa mental produzido pela estudante Licya Brito do 1º ano, na disciplina eletiva de Teatro .....	43
Figura 10- Cena apresentada pela turma do 1º ano, para disciplina eletiva de Teatro .....	44
Figura 11- Imagem do pássaro africano Sankofa .....	46
Figura 12- Oficina Teatral: Em busca de mim- Exercícios da etapa de investigação corporal	53
Figura 13- Cartas escritas pelas participantes da oficina em busca de mim.....	56
Figura 14- Abertura das cartas. Processo avaliativo da Oficina Em busca de mim .....	59

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC Base Nacional Comum Curricular

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CENPAH Centro Pastoral Afro Pe. Heitor

EJA Educação de Jovens e Adultos

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

ETUFBA Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PcD Pessoa com Deficiência

TEN Teatro Experimental do Negro

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA Universidade Federal da Bahia

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

UNEB Universidade Estadual da Bahia

UNESPAR Universidade Estadual do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>OS OLHOS DOS MEUS - TECENDO SABERES</b> .....	13
	2.1 TECENDO CAMINHOS .....	19
	2.2 QUESTÕES QUE AFETAM A COMUNIDADE NEGRA QUE CONHEÇO .....	25
<b>3</b>	<b>PROJETO DE VIDA</b> .....	28
	3.1 PROJETO DE VIDA ALICERÇADO EM PRÁTICAS NEGROREFERENCIADAS.....	30
	3.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL ROTARY .....	34
<b>4</b>	<b>PRÁTICAS NEGROREFERENCIADAS</b> .....	46
	4.1 PRÁTICAS ANCESTRAIS .....	47
	4.2 PRÁTICAS DE AUTOCONHECIMENTO .....	50
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
	<b>ANEXOS</b> .....	64

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apontar, através de metodologias do teatro negrorreferenciado, caminhos para o desenvolvimento de projeto de vida para jovens negros da periferia de alguns colégios públicos de Salvador. Com o intuito de trabalhar o autoconhecimento, o fortalecimento identitário e perspectivas futuras para a juventude negra, a principal diretriz desta pesquisa é a trajetória desta licencianda, mulher negra, nascida e criada na comunidade periférica Sussuarana<sup>1</sup>, que sempre buscou fortalecer seu pertencimento identitário, e a consciência de ser uma mulher negra oriunda de colégio público, e que ocupa o espaço acadêmico.

As experiências relatadas aqui, são minhas vivências enquanto estudante de colégios públicos de Salvador; o ingresso no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal da Bahia (UFBA); as experiências como jovem docente no Estágio Extracurricular, no Colégio Estadual Rotary; e atividades acadêmicas como a Oficina Teatral: Em busca de mim, ministrada através da disciplina Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III e no Programa Residência Pedagógica - CAPES/UFBA.

Para iniciar está escrita, é importante destacar a relevância que os debates sobre identidade e representatividades (gênero, raça e localidade), têm para as motivações que levaram a discussão que trago neste TCC. Foi na, e com a periferia que vivi as experiências da vida, até a adolescência, onde também obtive muitos conhecimentos, responsáveis pelo que me tornei.

O termo periferia é utilizado no sentido de local, algumas vezes, distante (mas não necessariamente) do centro - da atenção e cuidado dos poderes públicos. Lugar onde muitas políticas sociais não chegam, ou são precárias, nem serviços básicos como água encanada, luz, esgoto, postos de saúde etc.

A periferia, no contexto brasileiro, é o produto do distanciamento, da exclusão, da segregação que o processo de urbanização do capitalismo periférico causou, segundo afirma Milton Santos (1993), a periferia, no contexto brasileiro, é produto do distanciamento, da

---

<sup>1</sup> Sussuarana é subdividida em Nova Sussuarana, Novo Horizonte e Sussuarana Velha. O nome Sussuarana, vêm da grande ocorrência de onças da espécie suçuarana que passaram a vir para as proximidades do bairro por causa do intenso desmatamento devido há alguns empreendimentos (estradas de asfalto). Com cerca de 110 mil habitantes – o perfil de pessoas com baixo poder aquisitivo que habitam um bairro periférico com insuficiência nos serviços públicos. Possui vários grupos comunitários, dentre eles a UMBAS – União dos Moradores do Bairro da Sussuarana, fundada em 1998, e que desenvolve atividades como cursos de crochê e manicure.

exclusão, da segregação que o processo de urbanização do capitalismo periférico causou. E define, Eduardo Guimarães:

Periferia significa os espaços da cidade deixados fora das ações próprias das obrigações do Estado para com a sociedade. Nesta medida o sentido de periferia passa a ser ligado ao sentido de marginalidade, de marginal. Ou seja, periferia significa o lugar no qual aqueles que aí moram não têm plenamente os direitos da cidadania (ENDICI – Enciclopédia Discursiva da Cidade).

Ressalto, também, a periferia que conheço; aquela à qual pertenço, que é acolhedora e onde muitas vezes, só temos a nós mesmos. Assemelha-se a um casamento para enfrentar, juntos, tanto a bonança quanto a adversidade. Recordo-me do dia em que uma jovem do colégio público local, em um ato poético, foi convidada a participar de um comercial da Prefeitura de Salvador; naquele momento, a comunidade celebrou ao ver um de nós na televisão. As vitórias são coletivas e nos dão esperança.

O respeito e a solidariedade são características pertinentes também na minha periferia. Certa vez, uma vizinha, idosa, que sentava à porta de casa, durante as tardes, abençoava a todos que passavam. Suas palavras eram como uma bênção a nos envolver. A metáfora do casamento estende-se às batalhas diárias, como enfrentar um transporte público desgastado - nesses momentos, a união se revela ao, por exemplo, auxiliar uma senhora a subir no ônibus.

Dessa forma, o sentimento de união e empatia prevalece entre as pessoas que constituem a periferia de Sussuarana, predominantemente compostas por indivíduos negros, evidenciando a realidade das periferias ocupadas majoritariamente por essa população. Apesar da riqueza cultural, dos talentos e das expressões artísticas, os desafios persistem, como a pobreza, a escassez de oportunidades e a presença limitada do Estado.

Contudo, em meio a esses desafios, surgem a resistência, manifestando-se como fonte de ativismo, os movimentos sociais e as organizações para combater a discriminação, buscar igualdade de oportunidades e melhores condições de vida, além de denunciar as estruturas de violência social.

Portanto, quando escrevo sobre a população negra, me refiro tanto aos pretos quanto aos pardos (mestiços), que são grupos unidos devido à pouca diferença estatística em relação à obtenção de vantagens sociais.

Conforme apontam os dados estatísticos, produzidos por instituições públicas brasileiras, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), tecnicamente, se justifica agregar pretos e pardos para formar o grupo racial negro. De acordo descreve Sales Augusto dos Santos (2002):

(...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum (Santos, 2002, p.13).

Ciente desta situação, enquanto docente, tenho pesquisado, e busco aplicar práticas didático-pedagógicas negrorreferenciadas, fundamentadas no teatro negro. Essa abordagem visa fortalecer a identidade, promover o empoderamento e garantir a representatividade negra. Nas palavras da pesquisadora Evani Lima (2010, p.16), “(...) o teatro negro é aquele cuja base fundamental é a afirmação da identidade negra, associada a proposições estéticas de matriz africana, embasadas em questões existenciais e político-ideológicas negras”.

Dito isso, como referencial para pensar práticas negrorreferenciadas, utilizo das obras e ensinamentos dos autores(as): Abdias do Nascimento (2004) e a experiência do - Teatro Experimental do Negro (TEN), que me oferecem subsídios para que eu possa realizar estudos e propostas para a sala de aula e cena teatral, em prol do protagonismo do sujeito e da cultura negra no teatro educação. Já com bell hooks<sup>2</sup>(2017), busco suporte para compreender como criar afetividade no ambiente de ensino, entendendo que o afeto é uma presença essencial no espaço de aprendizagem.

Com a escritora Conceição Evaristo (2020) baliza a metodologia desta pesquisa com o seu conceito de “Escrivências”, termo que une as palavras escrever e viver, segundo o qual as pessoas escrevem suas vivências para exercerem o autoconhecimento e para assumirem o protagonismo de suas histórias.

Também utilizo como referências, reflexões de Nilma Gomes (2005), Djamila Ribeiro (2019) e Evani Lima (2010) para pensar na direção de prática de educação antirracista, para discutir sobre as identidades negras no contexto educacional; e da valorização dos ensinamentos trazidos por negros e negras na educação.

---

<sup>2</sup> A escrita do nome da autora bell hooks é feita em minúsculo, pois é um pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa.

As contribuições valiosas dos estudiosos e estudiosas mencionados orientam-me na formulação de práticas didático-pedagógicas que estejam alinhadas com a formação do projeto de vida dos estudantes.

Nesse contexto, a concepção de projeto de vida abordada nesta monografia fundamenta-se na perspectiva educacional, com a finalidade de assegurar que os discentes desenvolvam autodeterminação em seus processos de aprendizagem, de modo a refletir em seus planejamentos futuros, conforme enfatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (BNCC, 2018, p.463)

Levando isso em consideração, coadunando esses conhecimentos ao exercício em sala de aula, me conduzem à questão que guia este trabalho: que importância pode ter uma prática educacional que trabalha a ancestralidade, identidade, perspectivas de futuro (projeto de vida) e saberes e experiências locais? No intuito de responder a esta pergunta, a presente monografia está dividida em três capítulos.

Primeiro capítulo, traz um pouco do meu percurso pessoal e acadêmico, apresentando vivências que foram cruciais para o desenvolvimento de conhecimentos acerca de tópicos como identidade, coletividade e pertencimento. Foi investigado, ainda, os aspectos estruturais e psíquicos que atravessam, desfavoravelmente, a juventude negra e interferem na construção de seus projetos de vida.

Já no segundo capítulo, apresento o conceito de projeto de vida atrelado à educação, com suporte na Base Nacional Comum Curricular (2018). Em seguida discorro como entrelaço projeto de vida a partir da pedagogia negrorreferenciada. Posteriormente trago um relato de experiência como professora de Teatro, no ensino formal, que demonstra como as práticas negrorreferenciadas podem proporcionar um caminho de autoconhecimento, representatividade e construção identitária.

No último capítulo, é retratado a minha experiência na aplicação e desenvolvimento de exercícios e jogos, utilizando a metodologia negrorreferenciada. Para tanto, as discussões a respeito de abordagens pedagógicas, que combinam o teatro negro com perspectivas que

abordam a construção do projeto de vida da juventude negra das comunidades periféricas, foram aprofundadas.

Como ilustração, foi apresentado um exercício, da minha autoria, denominado *Árvore dos Caminhos*, que se fundamenta na passagem do tempo e engloba as seguintes dimensões: passado (ancestralidade), presente (identidade) e futuro (sonhos). As dimensões citadas representam os três eixos das práticas negrorreferenciadas: Ancestrais, Autoconhecimento e Fortalecedoras.

Ao final, ofereço uma análise detalhada das três etapas dessa atividade, explicando os conceitos subjacentes, os objetivos propostos e sua aplicação prática, somados à minha experiência como docente, na oficina teatral “Em busca de mim”, ministrada em virtude da disciplina Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III.

Por fim, nas considerações finais trago reflexões a partir das experiências relatadas, nesta monografia, com base na pergunta que me mobilizou para esta pesquisa e sobre as questões e percepções que vieram a partir da aplicação de minhas experiências artístico-didático pedagógicas negrorreferenciadas.

## **2 OS OLHOS DOS MEUS - TECENDO SABERES**

Esta pesquisa atravessa um lugar muito forte de identificação, no quesito de se reconhecer no outro e, por isso, nomeio como “Os olhos dos meus”. Para compreender o contexto deste capítulo, quando menciono “os meus”, estou me referindo ao recinto de onde venho, tendo em vista que o lugar de origem reflete na construção da identidade.

Como aponta o cientista social Jacques d’Adesky (2001, p.76), “a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu ‘eu’, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação”. Como pessoa negra da periferia, “os meus” fazem parte dessa conjuntura.

Existe um provérbio popular que afirma que “os olhos são a janela da alma”. A partir dessa premissa, posso dizer que os olhares dos meus me atravessam, pois consigo enxergar potencialidades, forças e saberes nas vivências que ocorrem nas periferias, que por diversas vezes, também são árduas e intensas, mas cheias de significados. Na Sussuarana Nova, na minha comunidade, a importância do coletivo é evidente, manifestando-se em diversos projetos



e intervenções artísticas e socioeducativas que reafirmam a identidade negra e as potencialidades artísticas da periferia.

Um exemplo é a Noite da Beleza Negra em Sussuarana<sup>3</sup>, um concurso de dança afro que promove a equidade racial por meio da arte e empoderamento estético, elegendo a rainha, príncipe e princesa Odara. A XXI Caminhada da Consciência Negra, que fortalece a identidade da cultura negra, em 2023, contou com o projeto "Danças Negras e Periferia - Intersecção do Bicentenário e Suas Conexões", iniciativa que busca fomentar diálogos sobre questões sociais e raciais. Por fim, o Grito da Onça, uma manifestação que destaca a resistência e transformação diária de Sussuarana em um polo cultural em Salvador, apesar da ausência de políticas públicas.

Essas ações são realizadas pela união dos moradores Sussuarana Velha, Novo Horizonte e Sussuarana Nova, que compõem o Coletivo Negritude Sussuarana. Ao trazer essas iniciativas à tona, destaco a "manifestação do espírito" comunitário, seja durante a construção de uma laje, celebrada com uma feijoada, ou no auxílio a um vizinho enfermo, demonstrando empatia, união e solidariedade. Esse espírito é a expressão da vivência na periferia, onde compartilhamos dores e vitórias.

Considerando a importância dessas ações, ao longo da minha trajetória acadêmica, busquei valorizar as potencialidades periféricas, compreendendo as periferias e favelas como verdadeiros celeiros criativos e culturais. Entendo, portanto, a relevância de orientar os olhares dos educadores para práticas pedagógicas alinhadas a esses princípios, visando desenvolver nos estudantes um senso de coletividade, empatia, empoderamento e união.

Nesse contexto, percebo como esse direcionamento educacional fomenta o espírito de aquilombamento alinhado à contemporaneidade, incentivando o autoconhecimento, a construção identitária e perspectivas futuras, como aponta o colunista Joselicio Júnior (2019):

Aquilombar-se na atualidade é estabelecer o Autocuidado, construir espaço coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. Aquilombar-se é se organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade. (Júnior, 2019, online)<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Noite da Beleza Negra em Sussuarana, o concurso de dança afro que promove a equidade racial através da arte e empoderamento estético faz parte da programação do "Julho das Pretas", ação de incidência política e agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras do Brasil.

<sup>4</sup> A citação foi retirada do texto "É tempo de se aquilombar" de Joselicio Junior, disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/2019/4/29/tempo-de-se-aquilombar-55485.html>

Nesse sentido é possível refletir sobre a nossa realidade com intenção de transformá-la. Acredito que a educação seja a chave e, para isso, é necessário tecer didáticas pedagógicas alicerçadas em práticas que propiciem auto aceitação, representatividade e autoconfiança. Isso permitiria que jovens negros provenientes das periferias se percebessem como potentes e capacitados para alcançar seus sonhos e desejos, fundamentados na noção de coletividade através da prática de aquilombamento. Em virtude disso, torna-se possível que sejam percebidos e se vejam em diversos contextos, obtendo visibilidade e reconhecimento que contribuam para o fortalecimento de suas identidades.

Todavia, é preciso ter cuidado e perceber de que forma a comunidade negra tem sido reconhecida e representada, uma vez que o racismo pode se esconder sob seu manto, como aborda Silvio Almeida (2018, p. 51): “do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”.

Uma maneira muito corriqueira em que esta situação fica evidenciada é através do “humor” tão difundido pela mídia e pelas redes sociais, restando visível a prática do racismo recreativo, que segundo o pesquisador Adilson Moreira (2019, p. 115) constitui um “mecanismo que encobre a hostilidade racial por meio do humor”. Assim os meios midiáticos trazem uma imagem distorcida e desumanizada, carregada de estereótipos e estigmas que afetam diretamente a autoestima e identidade da comunidade negra, elementos estes que têm grande poder de interferir na maneira que essa coletividade se enxerga e se relaciona com o seu lugar de origem.

Situações relacionadas ao racismo recreativo têm se concentrado principalmente em produções audiovisuais e de teledramaturgia, que reforçam uma visão depreciativa da comunidade negra. Um exemplo recente é a personagem *Adelaide* do programa *Zorra Total*<sup>5</sup> exibido em 2012 pela rede globo, interpretada pelo ator Rodrigo Sant’Anna.

Na representação, o ator assumia a caracterização de uma mulher ao pintar sua pele de preto e utilizar uma prótese que dava a impressão de falta de alguns dentes na frente. Esse enfoque perpetuava o estereótipo da “negra pobre desdentada e inconveniente”, sendo o bordão cômico da personagem “a cara da riqueza”.

---

<sup>5</sup> Programa da rede globo *Zorra Total*, exibido em 2012, personagem *Adelaide* interpretada pelo ator Rodrigo Sant’Anna. Disponível no link: [https://youtu.be/PzAohUtzq3g?si=Gq3D6mi\\_2d4jQIoo](https://youtu.be/PzAohUtzq3g?si=Gq3D6mi_2d4jQIoo). Acesso em: 24 de dezembro de 2023.

Outros personagens interpretados por atores negros frequentemente recaem nos estereótipos de hipersexualização da mulher negra, retratando-as como "mulata quente". Essa abordagem reduz o valor unicamente ao seu corpo, transformando-a em um mero objeto. Esses papéis, essencialmente, enxergam-na como uma ferramenta destinada apenas ao pensamento e à prática sexual, invalidando seus sentimentos e confinando-a à uma única posição.

Além disso, as profissões atribuídas aos personagens de atores negros muitas vezes seguem uma linha subalterna, inferior, subordinada, servil ou auxiliar. Tais exemplos destacam as diversas violências simbólicas presentes na representação de pessoas negras na mídia.

Portanto, trabalhando com jovens e adultos, no ambiente educacional, vejo o quão necessário é motivá-los a cultivar olhares mais sensíveis e amorosos, principalmente para consigo mesmos e para com as suas comunidades. Visto que, o tipo de situação descrita acima, além de afetar diretamente a autoestima e a identidade, influencia a maneira como eles compreendem e enxergam suas raízes, pois quando só é evidenciado imagem negativa, acaba-se sucumbindo aos potenciais e culturas das favelas.

Partindo deste pensamento, na sequência trago um breve relato de experiência que ocorreu em julho de 2023 quando atuei como residente/professora estagiária, no Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira, ministrando aulas para duas turmas de 2º ano do ensino médio, pelo Programa Residência Pedagógica - UFBA.

Como o tema da segunda Unidade era Instalações Artísticas, resolvi conectá-lo ao meu objeto de pesquisa, cujo foco é o protagonismo das histórias dos discentes, permitindo que suas vivências sejam exploradas e valorizadas. Sugeri, então, que as instalações artísticas fossem baseadas em três temas: ancestralidade, memória e comunidade, como provocação lancei a seguinte pergunta para gerar reflexão: “o que tem na sua comunidade?”.

As respostas foram imediatas e, majoritariamente, ligadas à imagem estereotipada que a sociedade, de modo geral, possui, tais como tiro, morte, prostituição, drogas, tráfico e brigas. Vale ressaltar que, grande parte dos estudantes moram nos bairros de São Marcos, Itapuã, Cabula, Sussuarana e Tancredo Neves, entre outros - localidades que fazem parte das comunidades periféricas de Salvador - sendo, a maioria desses discentes, pretos e pardos. Quando terminaram de responder, perguntei se não tinham nada de positivo para falar a respeito da comunidade deles.

Utilizei a minha comunidade como exemplo, visto que o colégio está próximo da minha residência. Mencionei alguns projetos artísticos e sociais, como o Sarau da Onça<sup>6</sup>, um coletivo que realiza ações culturais e educacionais desde 2011. Seu propósito é estimular os jovens da periferia de Sussuarana a se envolverem com a poesia e outras expressões artísticas.

Além do Sarau, o coletivo promove atividades como o Slam da Onça, o Festival de Arte e Cultura e o Concurso Literário do Sarau da Onça. O projeto, que já publicou mais de três obras contendo poesias de jovens de diversas periferias de Salvador, é conduzido de maneira voluntária. Os saraus ocorrem no Centro Pastoral Afro Pe. Heitor (CENPAH), mas o coletivo enfrenta limitações de autonomia devido à necessidade de aprovação prévia para desenvolver novas ações.

Figura 1- Sarau da onça (2021)



Fonte: Instagram Sarau da onça

Unindo esporte e arte, a capoeira desempenha um papel significativo na minha comunidade. Grupos de capoeira oferecem aulas gratuitas para crianças e jovens, realizando apresentações na praça do Colégio Ruth Pacheco. Assim, a maioria das iniciativas artísticas e culturais em Sussuarana visa elevar a autoestima e valorizar a identidade negra, explorando diversas linguagens artísticas, como a poesia, dança e teatro.

A partir dessa colocação, os estudantes começaram a pensar e olhar de uma forma mais amorosa e afetuosa para suas comunidades, reconhecendo os talentos e saberes pertencentes ao

<sup>6</sup> Documentário Sarau da Onça - A Poesia de Quebrada, documenta o sarau poético que acontece quinzenalmente em Sussuarana, periferia de Salvador. No palco Abdias Nascimento, mulheres e homens em poesias viram onças na selva da capital baiana. Disponível no link: [https://youtu.be/vURVaxCdbQQ?si=XZc7IF99SdemfO\\_1](https://youtu.be/vURVaxCdbQQ?si=XZc7IF99SdemfO_1). Acesso em: 24 de dezembro de 2023.

lugar que estão inseridos, inclusive citando projetos artísticos, esportivos, artesanato e diversas outras ações. É importante salientar, que muitos destes projetos são iniciados pelos próprios moradores, frequentemente sem a contribuição de órgãos governamentais, o que demonstra a dedicação, solidariedade e senso coletivo, porque apesar de poucos recursos, os cidadãos tomam iniciativas que transformam todo conjunto social.

O objetivo deste relato é evidenciar a importância das ações da população local, que mesmo diante de poucos recursos financeiros, mantém o comprometimento fazendo acontecer, com intuito de valorizar as raízes e a capacidade das favelas, mostrando outro caminho, da não violência, mas possibilitando o fazer artístico, crítico e cultural. Não quero com isso romantizar a ausência de programas de políticas públicas nestas localidades, intenciono, entretanto, apontar que diante da inexpressividade do Estado, a comunidade tem se organizado de forma a apresentar a arte e as ações sociais como símbolos da esperança de mudança e conscientização, como pontua Paulo Freire (1992).

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. (Freire, 1992, p.5).

Meu posicionamento neste trabalho é este da “esperança ativa”, do embate contra a inércia de uma expectativa frustrada e contida, e que enxerga que, apesar dos desafios e obstáculos, quando o coletivo se movimenta sempre gera transformação para toda uma geração.

Dito isso, lembro-me de uma conversa que tive, onde demonstrei o meu descontentamento após observar que poucos jovens pretos da minha comunidade estavam ingressando no ensino superior, ou nem davam continuidade aos estudos no ensino fundamental, e tinham seus sonhos interrompidos por diversas circunstâncias e não visualizavam perspectivas futuras.

Como resposta ouvi que somos o que vemos pela janela, almejamos e desejamos o que está perto, o que podemos ver, e infelizmente o que mais vemos é a juventude com baixa expectativas, sendo empurrada para o trabalho pesado ou arrastada para o caminho da violência, consumo e tráfico de substâncias ilícitas. Depois dessa conversa, a frase “somos o que vemos pela janela” ficou ecoando na minha cabeça, e me questioneei de que forma seria possível

redirecionar os olhares da juventude negra, a uma janela em que seu futuro seja próspero e promissor.

Levando isso em consideração, o meio que tenho nas mãos é a educação voltada para o ensino do teatro. Segundo Renato Nogueira (2012), ao falar sobre a concepção da Filosofia Ubuntu, conhecida pela frase “Eu sou porque nós somos”:

(...) um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas. (Nogueira, 2012, p.148).

Coaduno com esta filosofia ao me colocar à disposição daqueles e daquelas que vem do mesmo lugar de onde venho. Compartilho as minhas experiências de jovem que construiu um projeto e apresento a minha trajetória como graduanda de licenciatura em teatro para mostrar alguns dos caminhos que venho seguindo.

Busco apresentar conteúdos, ferramentas e abordagens didático-pedagógicas que tragam não só informações, mas que também encorajem, motivem, empoderem e fortaleçam o sentido de pertencimento de identidade e de origem, dos jovens discentes que passarem pela minha trajetória.

Pois, tenho sempre em vista que nessa caminhada não estou só, trago comigo todo conhecimento e modos de ser que aprendi na e com a comunidade periférica onde nasci, me criei, e aprendi que se contribuir com ela, estarei fortalecendo a mim e a todos os/as que me ajudaram a ser o que sou.

## 2.1 TECENDO CAMINHOS

A palavra “tecendo”<sup>7</sup> vem do verbo tecer, que significa entrelaçar, construir e produzir. Nessa perspectiva, de senso de coletividade e continuidade é que me conecto com a Licenciatura em Teatro, pois desde muito cedo, carregava a vontade de partilhar os conhecimentos que adquiri na minha jornada, compreendendo a necessidade de ser uma multiplicadora do conhecimento.

---

<sup>7</sup> <https://www.dicio.com.br/tecendo/> acesso :10 de julho de 2023 às 17:31

Foi por isso que voltei meus olhos para a pedagogia do teatro. Desta maneira, para visualizar os caminhos traçados até a realização desta monografia, faço uma linha cronológica de três eventos cruciais nas minhas vivências que me levaram a falar sobre essa temática. O primeiro deles, em 2012, foi a experiência como estudante de ensino fundamental II, no Colégio Estadual Ruth Pacheco, localizado na rua Régia Barreto, s/n - Sussuarana, em Salvador, próximo a minha residência.

O colégio passava por diversos problemas, tais como a falta de água constante que ocasionava a suspensão das aulas e impactava na qualidade do ensino, a falta de professores, o impacto na qualidade e bem-estar dos estudantes pois havia danos na estrutura física da escola e os ventiladores e cadeiras em sua maioria estavam avariados, salas pequenas e superlotadas, violência e brigas constantes.

Aponto ainda outra questão sensível: as salas de aula eram organizadas em uma estrutura na qual o professor ficava na frente e os discentes enfileirados. Porém, em meio a tantas adversidades, havia uma professora que me inspirava e chamava atenção por sua maneira de conduzir as aulas e seu olhar atento.

Tratava-se de Andréa Carvalho, uma professora preta, formada em Letras na Universidade Federal da Bahia, a mesma ministrava a disciplina de Língua Portuguesa. Suas aulas eram realizadas em círculo para que ela pudesse manter o contato visual com cada estudante, além de desconstruir a imagem do professor autoritário, uma vez que a professora sempre prezava pelo diálogo, construindo aulas dinâmicas e acolhedoras.

Assentada em uma pedagogia lúdica e afetiva, Andréia Carvalho propunha atividades nas quais o teatro e a oralidade estavam sempre presentes. A partir dos conteúdos de Língua Portuguesa, a docente estabelecia discussões de situações contemporâneas, estimulando os estudantes a expressarem seus pensamentos e inquietações, a partir de debates, seminários, júris simulados, escrita poética e cenas teatrais.

Foi, graças ao trabalho dela que tive o meu primeiro contato com o teatro na escola, em uma oficina teatral que teve por objetivo aprimorar os discentes para as apresentações, visto que muitos eram tímidos e tinham dificuldade em se relacionar coletivamente.

A oficina de teatro foi ministrada por David Jessa, um estudante que concluiu sua formação estudantil no mesmo colégio. O retorno desse egresso demonstrou a importância da valorização dos profissionais do bairro e da profissão de arte-educador, que além de contribuir com seu conhecimento, serve também como inspiração para os discentes. Contudo, lembro-me

de ter ficado empolgada e entusiasmada em sair do contexto da aula convencional com uma didática de ensino-aprendizado que valorizava os nossos saberes e despertava o senso coletivo através de jogos e exercícios teatrais.

Figura 2- Oficina teatro no Colégio Estadual Ruth Pacheco



Fonte: Acervo Pessoal

Em contrapartida, tive uma outra experiência quando mudei de escola, no ensino médio comecei a estudar no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, que fica localizado no bairro de San Martins, fora da minha comunidade. A escola possuía uma ótima infraestrutura. Porém me recordo da atitude da professora de Língua Portuguesa, que adotava uma conduta autoritária, intimidadora e agressiva.

Não foram poucas as situações em que ela mandava os estudantes abaixarem a cabeça, exigia a organização da sala de aula em ordem alfabética e ministrava as aulas em um tom ameaçador e amedrontador. O comportamento dessa docente impactava no desenvolvimento dos estudantes que se mantinham alerta e intimidados.

Apresento estes dois parâmetros de profissionais, uma vez que cada uma tinha sua maneira, me levou a refletir a respeito do tipo de docente que quero ser; quais princípios e valores são importantes para mim e que fazem a diferença no contexto de ensino. Considerando que a escola tem um papel essencial na formação do cidadão, compreendo que adotar abordagens didático-pedagógicas que sejam pautadas no diálogo, afetividade e partilhas de saberes, são caminhos possíveis para a construção de uma educação acolhedora que procura dialogar com as vivências e saberes dos discentes:

Como professora, reconheço que os alunos de grupos marginalizados têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido nem ouvidas nem acolhidas, quer eles



discutam fatos - aqueles que todos nós podemos conhecer, quer discutam experiências pessoais. (hooks, 2013, p.113-114) .

Tendo em vista o meu lugar de origem ser a periferia, como educadora sigo na contramão de posturas autoritárias e intimidantes, pois, percebo que tais ações afastam aos alunos no ambiente de ensino, impactando de forma desfavorável no modo de enxergar o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, prezo pelo diálogo democrático ouvindo as vozes do estudante, utilizando de referências educativas que possam proporcionar representatividade, introduzindo uma linguagem que proporciona autodeterminação e consciência crítica para que os discentes possam sentir que seus conhecimentos são validados e que são protagonistas de suas histórias.

Ainda discorrendo sobre minha passagem pelo ensino médio, esse período coincide com a minha preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), momento em que começo a me questionar o motivo de não ouvirmos falar sobre as universidades públicas durante as aulas. Por outro lado, as faculdades particulares realizavam visitas no colégio e faziam propaganda dos cursos.

Por se tratar de uma instituição pública de ensino, eram poucos os discentes que tinham condições financeiras para adentrar em uma faculdade particular, dado que muitos viviam em situação de vulnerabilidade social e de insegurança alimentar. Não foram poucas as ocorrências de estudantes passarem mal em virtude da fome e era comum que alguns alunos comparecessem secretamente à escola no contraturno para fazer ali as suas refeições.

A filósofa Djamila Ribeiro relata como essas questões são romantizadas, para evidenciar uma falsa cultura de mérito.

Muitas vezes, casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em um concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais é não só cruel, como também uma inversão de valores. Não deveria ser normal que, para conquistar um diploma, uma pessoa precise caminhar quinze quilômetros para chegar à escola, estude com material didático achado no lixo ou que tenha que abrir mão de almoçar para pagar um transporte (Ribeiro, 2019, p.23)

Diante disso, creio ser relevante para este trabalho que eu narre a minha experiência de ingresso na universidade. Ainda que eu não venha de uma situação de vulnerabilidade social, fui impactada pela falta de informação, e esta tem a possibilidade de interferir no ato de sonhar, pois não é possível sonhar com aquilo que não é conhecido. Tive contato com a arte teatral na

igreja e na escola, mas não sabia da existência do curso de Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O conhecimento chegou até mim não pela gestão da escola, mas sim por uma amiga do ensino médio, que também soube fora do âmbito escolar, - através do seu irmão que fazia graduação em faculdade pública - sobre a existência da Escola de Teatro da UFBA. Foi a partir dela que pude conhecer os cursos de teatro ofertados na Universidade Federal da Bahia. Aprovada no ENEM, participei da prova de habilidades específicas, e ingressei no curso de Licenciatura em Teatro, no ano de 2018.1.

Infelizmente, ainda existe uma distância entre as comunidades periféricas e o ensino superior. Por isso, entendo que há força em meu relato. Durante o ensino médio, a Universidade Federal parecia ser um sonho distante e inacessível, não só para mim, mas também para meus colegas que não conseguiam ver a perspectiva de ingressarem no ensino superior, muitos por falta de informações, por necessidades pessoais ou por acharem que não era possível.

Portanto, compreendo a importância de tecer caminhos que impulsionem sonhos, que fortaleçam a identidade e a autoestima dos jovens periféricos, que em sua maioria são pessoas pretas e estudantes de colégios públicos.

Dentro desse contexto compreendi a importância de disseminar informação para os meus. Em 2020 fiz um projeto nas redes sociais chamado Tebryla<sup>8</sup>, que basicamente é a junção do meu nome com o teatro, que tem como intuito comunicar sobre a Arte Teatral no eixo acadêmico. Meu objetivo com essa ação era descrever os passos para ingressar nos cursos ofertados pela ETUFBA.

Visando o processo de seleção que era realizado através da prova de habilidades específicas, criei um quadro que se chamava Pré-intensivão de Artes Cênicas<sup>9</sup>, convidei colegas dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UFBA e de outras universidades como Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Os convidados compartilharam suas experiências de entrada na universidade e deram dicas e informações sobre o processo seletivo com base em suas vivências, o projeto ocorreu por meio de lives na plataforma do instagram.

---

<sup>8</sup> A página Tebryla idealizada por Brenda Nayla, tem como propósito comunicar sobre a Arte Teatral no eixo acadêmico. Canal no youtube, vídeos sobre as provas de habilidades específicas em teatro na UFBA. Disponível no link: <https://youtu.be/iJcHoSXnADQ?si=s77uepcOjx5Q3ebg>. Acesso: 24 de dezembro de 2023.

<sup>9</sup> Lives do Pré-intensivão de Artes Cênicas, disponível no Instagram Tebryla, link disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CIyuAUPgPUI/?igsh=MW9rd3VqczU4eWVvZQ==>. Acesso 24 de dezembro de 2023

Figura 3 – Cartazes do Pré-intensivão de Artes Cênicas



Fonte: Acervo pessoal

O projeto se expandiu, e além de falar do contexto acadêmico fiz parceria com a página no instagram chamada Teatralizei idealizada por Fernanda Nascimento, uma estudante de Licenciatura em Teatro da UFPE. Juntas somamos informações teatrais e realizamos Festivais artísticos que unia a linguagem de teatro, poesia, circo e dança, com rodas de conversas e apresentações, onde recebemos professores universitários, artistas e pesquisadores do campo das Artes Cênicas, também oferecemos aulas e oficinas de teatro gratuitas no formato online, devido ao momento da pandemia.

Figura 4- Festival Corpo em Movimento



Fonte: Acervo pessoal do Instagram Tebryla e Teatralizei (2021)

Juntas somamos informações teatrais e realizamos Festivais artísticos que unia a linguagem de teatro, poesia, circo e dança, com rodas de conversas e apresentações, onde

recebemos professores universitários, artistas e pesquisadores do campo das Artes Cênicas, também oferecemos aulas e oficinas de teatro gratuitas no formato online, devido ao momento da pandemia.

Nesta experiência, ouvi dos participantes frases como: “O teatro me salvou, o teatro me transformou, o teatro foi uma válvula de escape”. É sabido que a prática teatral traz consigo potências transformadoras, e quando penso no uso da pedagogia do teatro, para tecer caminhos fortalecedores, automaticamente penso na minha trajetória e na importância da devolutiva para população. Portanto, utilizar práticas teatrais como fio condutor para viabilizar os saberes da comunidade e oportunizar os sonhos se tornou uma missão pedagógica.

## 2.2 QUESTÕES QUE AFETAM A COMUNIDADE NEGRA QUE CONHEÇO

Para tecer caminhos que fortaleçam a construção identitária e impulsione os sonhos de jovens pretos e periféricos, é necessário compreender que questões emocionais e estruturais interferem significativamente nesse processo. É preciso analisar o porquê de mecanismos de depreciação, auto sabotagem dos sonhos, baixa autoestima e sentimento de não merecimento e não pertencimento de espaços de destaque como a universidade serem mais frequentes em pessoas pretas.

Essas problemáticas, quando não observadas e tratadas, afetam diretamente a construção de projeto de vida, podendo se tornar um fator determinante no futuro dos discentes, pois se eu não me sinto capaz de realizar, porque me sentirei impulsionado a sonhar? (Ribeiro 2019), proporciona uma reflexão acerca do racismo e desigualdades sociais serem problemas estruturais, com o poder de causar efeitos paralisantes na formação do indivíduo.

Movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. (Ribeiro, 2019, p.7).

Conseguí notar esse efeito descrito pela autora na prática, quando experienciei à docência. Durante um ano ministrei uma disciplina eletiva de teatro no Colégio Estadual Rotary e durante esta experiência pude perceber que muitos discentes, em sua maioria pretos, não se sentiam capazes, confiantes, seguros e empoderados.

Notei o quanto os estudantes carregavam consigo mesmos sentimentos de que os poemas e textos produzidos por eles eram ruins ou insignificantes. Casos de ansiedade, desânimo e baixa autoestima também eram frequentes. Eles tinham ideias brilhantes, mas não se sentiam bons o suficiente, entre outros sentimentos de descrédito e autojulgamento em torno do que eles criavam. Essas circunstâncias estão ligadas ao campo psicológico, e essas sensações vivenciadas por eles podem ser estimuladas a partir do mecanismo chamado Censor, como descreve a autora Julia Cameron (1980):

Somos vítimas de nosso perfeccionista interior, um crítico maldoso e eterno, o Censor, que reside no (lado esquerdo do) cérebro e mantém uma corrente constante de comentários subversivos que costumam ser confundidos com a verdade. (Cameron, 1980, p. 37).

O censor está ativado em nossas cabeças e se intensifica, na maioria das vezes, quando conquistamos algo. Ele está lá para nos dizer o quão somos incapazes para fazermos e realizarmos determinadas atividades, por isso Cameron (1980, p.38), afirma que “o importante é deixar de encarar o censor como a voz da razão e aprender a ouvi-lo como o dispositivo de bloqueio que ele realmente é”. A autora aponta caminhos através da escrita dos sentimentos, meditação e palavras afirmativas para adentrar no processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, trabalhar o silenciamento do censor.

Esses sentimentos também aparecem em minha trajetória na graduação. Mesmo estando na universidade, nos primeiros semestres ainda não me sentia pertencente ou digna de estar no espaço acadêmico. A princípio acreditava ser um sentimento introspectivo e não coletivo, porém quando cursei a disciplina Criação Cênica no Contexto Escolar, em 2022, tive contato com a proposta de projeto de vida na educação e fui incentivada a traçar a minha trajetória como estudante, artista e pesquisadora.

No primeiro encontro a professora substituta, Fernanda Colaço, abriu um espaço de apresentação inicial e foi possível ouvir dos estudantes pretos trajetórias bem parecidas com a minha no que diz respeito a sensação da falta de pertencimento, falas que embalam sentimentos de que a universidade não é nosso lugar e que não somos dignos de ocupar a academia.

A síndrome do impostor é algo que ocorre com frequência se alimentarmos o censor. Essa manifestação impostora nada mais é do que uma percepção de nós mesmos, criada na nossa cabeça, que gera a incapacidade de mérito, dando espaço para ansiedade e auto sabotagem, por carregar o sentimento de incompetência e insuficiência.

Em entrevista para o Fantástico (2022)<sup>10</sup>, a psicóloga e líder de recursos humanos Mafoane Odara relata que “a manifestação desse comportamento psicológico (síndrome do impostor) acaba sendo maior nas pessoas que vem de grupos sub-representados, como mulheres, negros, pessoas com deficiência física e a população lgbtqia+”. Fatores financeiros, psicológicos e a estrutura sociopolítica contribuem para o desencorajamento de um grupo social. Questões como essas atravessam vários espaços e gerações, causando sensação de não pertencimento em pessoas pretas que ao ocuparem espaços de destaque, passam a se questionar.

Exemplo recente disso foi quando tive a oportunidade de ministrar uma oficina Teatral para a turma de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), e como recursos metodológicos, para trabalhar a descontração, apresentação e socialização, apresentei um jogo de Augusto Boal (1998), que consistem em perguntas e respostas (sim ou não) a partir da movimentação no espaço.

No jogo fiz algumas perguntas, sendo uma delas relacionada a síndrome do impostor: “você já sentiu que era uma fraude ou que não é bom o suficiente no que faz?”. A maior parte das mulheres presentes na oficina, se posicionou no espaço que correspondia ao “Sim”. Isto é, confirmaram já ter se sentindo impostoras, sobretudo no que diz respeito ao eixo acadêmico.

Figura 5-Oficina Teatral para turma de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB)



Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>10</sup> Revista dominical da emissora rede globo, reportagem sobre síndrome do impostor, exibida no Programa do Fantástico, no dia 26 de junho de 2022. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=euY0zIpiXXc>, acesso: 10 de julho de 2023 às 17:11

É impactante que, mesmo quando alcançamos posições importantes, não é o bastante para nos sentirmos seguros e suficientes. Porém se delinear o processo histórico escravocrata, este ainda reverbera psicologicamente na contemporaneidade. A autora bell hooks (2010) traça uma linha de como esse processo impacta deixando marcas comportamentais e sentimentais, desestruturando a autoconfiança e segurança de como pessoas pretas reprimem os seus sentimentos.

Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar." Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (hooks, 2010, p.4).

Tendo ciência disso, suponho que uma forma de desvencilhamento desses mecanismos prejudiciais seja traçar caminhos fortalecedores nos contextos familiar, escolar e acadêmico, onde os jovens periféricos possam se sentir encorajados, motivados, conscientes de que as suas vozes são importantes e que territórios de poder devem ser ocupados por eles.

Por isso compreendo a importância das práticas negrorreferenciadas no ambiente de ensino, pois essas didáticas educativas abrem espaços de diálogos com diferentes figuras que impulsionam a representatividade de pessoas negras em seus variados âmbitos e profissões.

### **3 PROJETO DE VIDA**

Ao depararmos com a expressão "Projeto de vida", é comum direcionarmos nossos pensamentos para questionamentos como "O que deseja ser quando crescer?" Ou "É necessário traçar um rumo na vida, ter um projeto de vida." Essas reflexões geralmente abordam planos para o futuro.

Contudo, o projeto de vida discutido nesta monografia está vinculado à educação, ocupando a sexta competência geral da Base Comum Curricular - BNCC (2018). Se desdobra em três pilares, que são as dimensões a serem desenvolvidas: pessoal (autoconhecimento), social (vida em sociedade) e profissional (mundo do trabalho).

Nesse contexto, em 2022, enquanto atuava como professora estagiária no Programa Partiu Estágio<sup>11</sup>, iniciativa do Governo do Estado da Bahia voltada a oferecer estágios para estudantes universitários de Licenciatura, deparei-me com a utilização da expressão "projeto de vida" no contexto do ensino público. A instituição em que vivenciei à docência foi o Colégio Estadual Rotary, localizado em Itapuã, voltado para o ensino médio e um dos pioneiros na implementação da reforma do novo ensino médio.

Essa nova modalidade, prevista na Lei 13.415/17, flexibiliza a grade curricular por meio da oferta de itinerários formativos, incluindo o ensino profissional, e a ampliação da educação integral, com aumento da carga horária. A proposta introduziu o componente obrigatório “Projeto de Vida”, visando capacitar o discente a valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências que o habilitem a realizar ações transformadoras na sociedade:

o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constringer seus desejos. Logo, é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida (BNCC, 2018, p.473).

De acordo com a Lei citada, cada instituição de ensino tem a flexibilidade para determinar a implementação prática dessa abordagem. Uma das alternativas é a introdução de disciplina específica no currículo, o que foi feito pelo Colégio Estadual Rotary. Além do componente obrigatório “Projeto de Vida”, disciplinas eletivas/optativas foram criadas pelo projeto do Novo Ensino Médio. Com a implementação da nova grade curricular, é compreensível que os docentes manifestem curiosidade e insegurança em relação à aplicação prática desses novos conteúdos.

Em uma conversa com os professores efetivos, encarregados de ministrar as aulas da disciplina “Projeto de Vida”, ouvi relatos sobre suas apreensões quanto ao planejamento, que envolvia questões como: "o que devo abordar nesta disciplina?", e "o que é um projeto de vida?". Apesar das dúvidas, escolheram tópicos como Empreendedorismo e outros conteúdos relacionados ao mercado de trabalho para a disciplina em questão.

---

<sup>11</sup> O Programa Partiu Estágio, gerido pela Secretaria da Administração, tem como principal objetivo ofertar oportunidades de estágio na Administração Pública Estadual a jovens universitários baianos. disponível em: <http://www.programaestagio.saeb.ba.gov.br/#/app/inscricao/login>



No entanto, percebo que, para além de discutir temas vinculados ao mundo profissional, que tinham, em seus conteúdos, uma intenção, ainda que velada, de instruir e direcionar os discentes para empregos voltados à mão de obra pesada e subalterna, isso de certa forma inviabiliza e reduz a capacidade intelectual dos estudantes, que são em sua maioria negros, conduzindo-os a um único caminho.

Diante disso, compreendo que as abordagens de projeto de vida, devem estar alinhadas à possibilidade efetiva dos discentes conhecerem e acessarem o ensino superior, promovendo um sentimento de pertencimento ao ambiente acadêmico, fortalecendo seus intelectos e saberes. Pautado na representatividade, os educandos devem sentir-se representados para construir seus projetos de vida sem limitações, explorando as diversas possibilidades.

### 3.1 PROJETO DE VIDA ALICERÇADO EM PRÁTICAS NEGROREFERENCIADAS

Tendo em vista, que quando ouvir a expressão projeto de vida ligado a educação estava inserida no contexto do ensino público, local em que os estudantes são, em sua maioria, pretos e pardos, residentes em bairros periféricos de Salvador. Cheguei à seguinte questão: na prática, qual é o projeto de vida que o Estado oferece para jovens negros da periferia?

Para tentar responder essa questão me debrucei sobre dados estatísticos. Quando se trata de educação, existem dados frequentes que impactam nos resultados, tais como o desinteresse, baixa autoestima, falta de foco e concentração, muitas vezes causados pela questão alimentar, e há, ainda, a recorrência da evasão escolar. Estas situações impactam diretamente os discentes pretos e pardos, como aponta a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

[...] dados sobre abandono escolar. Das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos [...] Entre os principais motivos para a evasão escolar, os mais apontados foram a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destaca-se ainda gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%) (IBGE, 2020)<sup>12</sup>

Com base nisso, como futura docente, busquei analisar quais caminhos didáticos pedagógicos ajudariam a modificar essas estatísticas, e como despertar, nos discentes, a

---

<sup>12</sup> Dados estáticos sobre evasão escolar disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>

construção de projeto de vida que sejam sólidos e que, de fato, sejam condizentes com suas respectivas realidades, além de empoderar os estudantes a ocupar as universidades e enxergá-las como um caminho possível em suas trajetórias.

Tendo isso em questão, surge a ideia de unificar projeto de vida a Práticas negrorreferenciada com intuito de trabalhar ancestralidade, identidade e projeções futuras. Para isso voltei-me, então, para a minha caminhada pessoal e acadêmica, e identifiquei quais metodologias poderiam ser utilizadas na identificação e impulsionamento dos sonhos desses estudantes, visto que estas poderiam apontar caminhos possíveis para a construção desses planejamentos, de forma mais afetuosa e potente.

Atuando como estagiária, a princípio, acompanhava a professora efetiva de Artes do Colégio Estadual Rotary, que ministrava aulas com conteúdo voltados a Artes Visuais. Porém, com a implementação de disciplinas eletivas/optativas a docente me ofertou a oportunidade de montar uma eletiva de Teatro, saindo, assim, da observação, para exercer a docência na prática. Tive, portanto, autonomia para construir o planejamento pedagógico da disciplina eletiva.

Ao iniciar este trabalho, optei por entrelaçar três temáticas que serviram como pilares na construção do conteúdo programático. Destaco, inicialmente, a Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Essa legislação determina a inclusão, de forma obrigatória, da temática "História da Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial da rede de ensino, abrangendo tanto as escolas públicas quanto as particulares no Brasil.

É relevante salientar que, em 10 de março de 2008, essa legislação passou por uma modificação, resultando na Lei 11.645/08. Essa atualização expandiu o escopo do currículo oficial, tornando obrigatória não apenas a abordagem da "História da Cultura Afro-Brasileira", mas também a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Segundo a normativa, o conteúdo programático deve abranger não apenas a narrativa da luta dos povos negros e indígenas no país, mas também cultura dessa população e sua influência na formação da sociedade nacional, resgatando a significativa contribuição dos povos negros e originários nos âmbitos social, econômico e político da história brasileira.

Entretanto, é lamentável constatar que, ainda hoje, essa legislação muitas vezes é negligenciada ou tratada de forma estereotipada, quando se trata do ambiente escolar, é muito comum ver a lei sendo restrita ao mês abril por ser considerado "o dia do índio", e no mês novembro, por ocasião do Dia da Consciência Negra. Portanto, surge a compreensão de que a

efetivação da Lei 11.645/2008 requer uma prática contínua e permanente em todos os períodos do ano letivo.

Em especial, é crucial que os estudantes negros de escolas públicas tenham acesso a uma narrativa abrangente de sua história, transcendendo o enfoque restrito ao período escravocrata. O intuito é que esses discentes não apenas compreendam as adversidades enfrentadas, mas também reconheçam as riquezas, culturas, tradições e potencialidades dos povos negros. Isto posto, selecionei práticas negrorreferenciadas ligadas às noções de ancestralidade, memória e identidade negra.

Para isso, o Teatro Experimental do Negro foi uma grande inspiração, surgindo para confrontar a escassez de representatividade e dignidade do negro nas artes cênicas brasileiras. A companhia não apenas encenou destacados textos estrangeiros, mas também fomentou o desenvolvimento de uma dramaturgia própria afro-brasileira. Além das apresentações artísticas, o TEN desdobrou-se em iniciativas educativas, como cursos de alfabetização, congressos e debates.

Para disseminar informações relevantes, o grupo estabeleceu o jornal Quilombo, onde foram veiculadas reportagens, entrevistas e matérias sobre temas de interesse da comunidade, destacando também a precariedade dos recursos financeiros da companhia. Na busca por fortalecer a autoestima da comunidade negra, o TEN organizou concursos de beleza notáveis, como "Rainha das Mulatas" (1947) e "Boneca de Piche"(1948), esses concursos foram idealizados com o propósito de serem ferramentas educativas, buscando destacar a beleza das mulheres negras e orientar a preferência estética popular, frequentemente distorcida pela imposição e exaltação unicamente de padrões de beleza brancos.

Essas ações e pensamentos estão alinhados com a visão de “Projeto de vida”, pautada nas práticas negrorreferenciadas baseado em mudança coletiva, aqui em foco da juventude negra, para que se sintam confiantes, representados e impulsionados em suas jornadas. Assemelhando-se aos princípios do Teatro Experimental do Negro.

O TEN visava a estabelecer o teatro, espelho e resumo da peripécia existencial humana, como um fórum de idéias, debates, propostas, e ação visando à transformação das estruturas de dominação, opressão e exploração raciais implícitas na sociedade brasileira dominante, nos campos de sua cultura, economia, educação, política, meios de comunicação, justiça, administração pública, empresas particulares, vida social, e assim por diante. Um teatro que ajudasse a construir um Brasil melhor, efetivamente justo e democrático, onde todas as raças e culturas fossem respeitadas em suas diferenças, mas iguais em direitos e oportunidades (Nascimento, 2004, p.221).

Posto isso, além de estimular o senso crítico e coletividade nos discentes, procuro desenvolver uma educação afetuosa no ambiente de ensino, entretanto refletindo na afetividade entre pessoas negras, que majoritariamente é demonstrado a partir da provisão e atos de serviços, devido aos nossos corpos serem marcados por um processo escravocrata.

Como destaca hooks (2010, p.1) “nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, ‘feridos até o coração’, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar”.

É necessário ter uma abordagem acolhedora para desconstruir ou até mesmo ressignificar o entendimento de afeto demonstrado pelos estudantes. Portanto o afeto aqui mencionado a ser desenvolvido no âmbito educacional é aquele que destila amor através do cuidado, empatia e diálogo.

Nesse contexto, no qual a proposta é que através da educação afetuosa, possa abrir espaços de diálogos e confiança onde os discentes possam explorar seus saberes e anseios e sonhos, para isso utilizei o exercício da escrevivência idealizado por Conceição Evaristo (2020) que tem como intuito a escrita de vivências, trazendo enfoque a realidade dos indivíduos, transcendendo para o coletivo.

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020, p.35).

A junção desses ensinamentos e obras de estudiosos negros (as), na prática resultou em processos que foram para além de só estabelecer metas e objetivos para o futuro, mas que, também, procuraram estimular a construção de projeto de vida a partir de referências, identificação e corporeidade associadas à trajetória dos próprios discentes, pensadas pelo viés dos atravessamentos pertinentes em suas vivências.


No cenário da escola pública, onde a maioria dos estudantes são negros, planejar o futuro, com representatividade, contribui para a criação de caminhos que fortaleçam a identidade pessoal, valorizem as raízes e os saberes desse conjunto social. Faz-se relevante destacar que, no ensino médio - na faixa etária entre 14 e 20 anos, os jovens começam a ter pensamentos mais estruturados a respeito do futuro, daí a importância de incentivar os

estudantes a desenvolver autoconhecimento na perspectiva de construir seus “Projetos de Vida” com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

### 3.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL ROTARY

O presente relato tem como intuito discorrer as experiências vivenciadas no contexto educacional no Colégio Estadual Rotary, localizado na Ladeira do Abaeté, s/n, no bairro de Itapuã, onde ministrei uma disciplina eletiva de Teatro que tinha por nome “Corpo Arquivo: Memórias de Onde Eu Vim”. A disciplina teve início em março de 2022, e foi ofertada para as turmas do 1º e 2º ano do ensino médio. Em que o plano de ensino foi desenvolvido a partir da junção da pedagogia teatral às temáticas de projeto de vida e práticas afrocentradas.

Figura 6- Ementa do plano de ensino, aplicado na disciplina eletiva de teatro.

 <b>COLÉGIO ESTADUAL ROTARY</b>	
PLANO DE ENSINO	
<b>Disciplina Eletiva de Teatro:</b> Corpo arquivo: Memórias de onde eu vim <b>Professora Estagiária:</b> Brenda Nayla Santos Lima da Silva <b>Turmas:</b> 1º e 2º ano do ensino médio <b>Dia:</b> segundas-feiras <b>Turno:</b> matutino <b>Carga horária:</b> 200 min	
EMENTA	
A eletiva de Teatro, tem como intuito unir a pedagogia teatral com foco em práticas pautada no teatro negro, para trabalhar aspectos relacionados ao projeto de vida como identidade, valores e responsabilidade social, estimular o ato de sonhar e planejar o futuro, se utilizando de metodologias pedagógicas que desenvolvam o autoconhecimento, autoestima e autodeterminação, com aplicação de dinâmicas, jogos teatrais, improvisações associadas à percepção da realidade e projeções de futuro que sejam desenvolvidas individuais, mas pensando de forma coletiva.	

Fonte: Arquivo pessoal

As aulas aconteciam às segundas-feiras, no turno matutino para o ensino médio, sendo o 2º ano com 41 estudantes no horário de (07h às 08:40h) e o 1º ano no horário de (09:50h às 11:30h), contendo 42 estudantes. A escola conta com uma estrutura bem ampla, com sala especializada para práticas artísticas, estruturada com chão de madeira, espelhos, barras e colchonetes.

Antes de iniciar minhas ações solo em sala de aula, acompanhei a professora de Artes em sua prática pedagógica e pude observar como ela conduzia suas aulas e como os discentes se comportavam e interagiam entre si, podendo fazer uma breve avaliação diagnóstica da turma.

Identifiquei por exemplo, que em ambas as turmas, o barulho excessivo atrapalhava a comunicação professor-aluno, mas pude perceber também que o burburinho era provocado pela euforia e ansiedade de participar das aulas, o que causava a interrupção de falas e dificultava a comunicação em sala.

Com essas observações em mente, construí meu plano a partir de estratégias pedagógicas assentadas na comunicação dialógica, pois como destaca Paulo Freire (2003, p.115), “o educador e o educando estão no mesmo nível, não há subordinação, a comunicação se dá na horizontal [...] nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança”.

Adotei também a escuta sensível como ferramenta, uma vez que, de acordo com René Barbier (2002, p.97), “a escuta sensível, em processos de pesquisa-ação, é mais uma arte do que ciência. Ouvir é um momento silencioso que pretende estabelecer uma relação de confiança, que, por sua vez, prepara uma ambiência para interpretação”.

Este planejamento proporcionou um diálogo fluido, o que contribuiu para a construção de um ambiente afetivo e respeitoso, no qual os discentes se sentiram acolhidos para expor seus pensamentos, inquietações, medos e angústias.

Decidi aplicar o mesmo planejamento de aula para as turmas do 1º e o 2º ano, mas logo pude compreender que cada turma tinha a sua subjetividade, seus questionamentos e comportamentos diferentes. No primeiro contato com as classes, fui recebida com muita euforia, curiosidade e agitação pelos alunos do 1º ano, cujas idades variavam entre 14 e 17 anos. Muitos não tinham contato com o teatro, mas se mostravam disponíveis e receptivos para a prática teatral, além de usarem a energia para explorar a criatividade em cena.

Já a turma do 2º ano, composta por estudantes na faixa etária de 16 a 20 anos, escutava mais e pude estabelecer uma boa comunicação nas aulas, o que não significa que eles não tivessem seus embates ou questionamentos, sempre se colocando de forma curiosa e atenta durante o processo.

No intuito de valorizar a escuta e sanar quaisquer dificuldades relacionadas à comunicação, decidi debater a diferença entre ouvir e escutar e como suporte pedagógico levei o texto “Os sons do silêncio” que faz parte do livro Histórias da Tradição Sufi (1993). O conto aborda a importância de ouvir o lado inaudível das coisas.

[...] Mestre, quando prestei atenção pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e da grama bebendo o orvalho da noite. O mestre sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse: Ouvir o inaudível é ter a calma necessária para se tornar uma grande pessoa.

A partir desse texto compartilhei uma atividade, segundo a qual os discentes tinham que escrever todos os sons que conseguiam ouvir no ambiente escolar. Esse exercício, além de proporcionar uma experiência sensorial, apura o sentido da audição, trabalha a concentração, reflexão, conexão consigo mesmo e com o local em que estão inseridos.

A maioria dos estudantes entendeu a proposta do exercício, mas alguns tiveram dificuldades em comprar o jogo, por sentirem que a proposta era “muito fácil” ou “infantil”. Então, provoquei-os pedindo que descrevessem o som mais oculto que pudessem encontrar. A provocação surtiu resultado e os estudantes resistentes executaram o exercício.

Um dos desafios que encontrei foi a forma violenta e agressiva com que os estudantes tentavam resolver conflitos entre si. Trago aqui o relato de uma situação que aconteceu em sala de aula e que foi resolvida a partir do diálogo, respeito e meditação como ferramentas para mediar e solucionar disputas.

Durante a orientação de um exercício de caminhada pelo espaço, para trabalhar os ritmos e a consciência corporal dos estudantes do 1º ano, percebi que eles estavam muito agitados, sem conseguirem ocupar os espaços vazios e caminhavam muito próximos um dos outros. Dei a orientação para que eles se afastassem dos colegas e caminhassem livremente, ocupando o espaço. A sala de aula onde realizamos as atividades tem suas janelas voltadas para a Escola Rotary, onde estudam os alunos do fundamental I e II.

Tais discentes começaram a jogar objetos como papel, lápis, entre outras coisas nos estudantes que faziam o exercício. Foi instaurado um estresse coletivo e tive que parar a aula para entender o que estava acontecendo. Estudantes da turma retrucaram os ataques dos alunos do fundamental e as falas em sala apontavam para um possível embate físico. Pedi para que eles parassem um pouco e me escutassem, sobre a importância do diálogo e não revidar as violências, o que foi feito.

Expliquei que, apesar dos estudantes do fundamental estarem totalmente errados, violência somente gera mais violência. Irritado, um aluno respondeu: “de onde eu vim, fui ensinado, pró, que é assim: bateu levou, não tem muita conversa”. Acolhi o sentimento de raiva que eles sentiam, evidenciando minha compreensão a respeito da situação e do sentimento de raiva e impotência, eu ressaltai, entretanto, que era preciso trabalhar o autocontrole e o diálogo, pois não se pode resolver as situações à base da violência.

Como a maioria dos estudantes estavam alterados, propus que todos sentassem no chão e repetissem o seguinte mantra de frases afirmativas:

1. Eu me amo;
2. Eu me aceito;
3. Eu me sinto seguro;
4. Eu abro espaço para o diálogo;
5. Eu sei que nem tudo está sob o meu controle, posso trabalhar em coletivo;
6. Somos família.

O uso dessas frases afirmativas, foi um dos caminhos para acalmar os ânimos, mas sempre compreendo que essa prática não é uma mágica, pois os discentes não iriam, instantaneamente, parar de agir de forma agressiva ou violenta, até porque, entendo que, para desconstruir esses aspectos, deve ser trabalhado diariamente o autocontrole e o equilíbrio emocional, o que está além das minhas capacidades como docente em formação.

Porém, utilizar essa técnica foi a maneira que encontrei para chamar a atenção dos estudantes a serem mais pacientes e mediar os seus conflitos a base da conversa e do respeito. Durante a minha experiência como docente do primeiro e do segundo ano busquei estabelecer o diálogo e fortalecer o sentimento de pertencimento.

Nesse caminho de ensino-aprendizagem, coloquei-me aberta a aprender junto com os discentes e estabelecer um espaço de afeto e segurança, seguindo na busca de silenciar as vozes que nos desencorajam, mesmo que, na maioria das vezes, essas vozes surjam das nossas próprias cabeças.

Durante as nossas aulas, percebi que os discentes, muitas vezes, ficavam inibidos à espera de um comando meu, ao invés de explorarem suas habilidades e a criatividade mais livremente. Enquanto demonstrava os jogos teatrais sempre precisava utilizar a frase “exploda a caixa” para convidá-los a sair da mesmice, a trabalhar o imaginário, expor seus pensamentos e desejos, e, sobretudo, a ousarem.

De tão usado, “exploda a caixa” tornou-se um bordão. Ao desafiá-los a criar, eu mantinha sempre uma postura muito aberta ao diálogo e à afetividade, demonstrando que eles poderiam se sentir à vontade para experimentar e perguntar, evidenciando que ali era um lugar de aprendizado e não um lugar de julgamento. Em tese as duas turmas foram bem acolhedoras e se mostraram solícitas para embarcar no processo de autoconhecimento através das práticas pedagógicas teatrais.

Durante esta experiência ainda não tinha o arcabouço teórico do teatro negrorreferenciado enquanto conceito, então intitulei meus exercícios como práticas



fortalecedoras ou afrocentradas. De certa maneira, trilhava o mesmo caminho dos pensadores do teatro negro, pois compartilhava com eles o intuito de valorizar os saberes e reportório que os estudantes traziam de suas comunidades, exercitar a memória e a identidade pautada no resgate ancestral, estimular os discentes para que fossem protagonistas de suas histórias, despertar sonhos e desejos a respeito de seus futuros.

Figura 7- Conteúdo programático da disciplina eletiva de teatro

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<p><b>I UNIDADE</b>  <b>Março a Maio (07/03 a 02/05)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Apresentação professora e estudantes</li> <li>● Criação de normas e regras de convivência</li> <li>● Sondagem dos conhecimentos teatrais dos discentes</li> <li>● Introdução da temática "Corpo Arquivo: Memórias de onde eu vim"</li> <li>● Aulas práticas com os jogos teatrais de Viola Spolin (2007) e Exercícios e Jogos de Augusto Boal(1988) para trabalhar o imaginário, memória, consciência corporal, socialização, criatividade, improvisação, senso crítico e coletividade</li> <li>● Rodas de conversas</li> <li>● Produção e Confecções livretos e fichários com tema "Brincadeiras de onde eu vim"</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>Avaliação- Exposição dos livretos e fichários</b></p>
<p><b>II UNIDADE</b>  <b>Maio a Agosto (09/05 a 29/08)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Práticas teatrais afrocentradas baseado na temática do sankofa trabalhando memória e identidade</li> <li>● Elaboração e análise dos mapas mentais - Gênese, Origem e Minha Voz</li> <li>● Leituras e debates com referências de obras de autores (as) negros:</li> <li>● Na minha pele (Lázaro Ramos); Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus) e Olhos d'água (Conceição Evaristo)</li> <li>● Rodas de conversas</li> <li>● Produção de poema e poesia pautada nas escrevivências dos discentes</li> <li>● Construção de cenas teatrais com base na temática "Quem eu sou?"</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>Avaliação - Sarau Cênico: apresentações de cenas teatrais e recitais de poesias</b></p>
<p><b>III UNIDADE</b>  <b>Setembro a Novembro (01/09 a 30/11)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Introduzir elementos teatrais para construção de cenas (figurino, cenário, sonoplastia, relação palco-plateia, dramaturgia e roteiro)</li> <li>● Divisão de grupos para montagem da mostra cênica com base nas temáticas "De onde eu vim, onde estou e pra onde vou"</li> <li>● Construção da dramaturgia e do roteiro das cenas, com base nas escrevivências dos discentes</li> <li>● Ensaios</li> <li>● Apresentação final</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>Avaliação- Mostra Cênica</b></p>

Fonte: Arquivo pessoal

A proposta era tecer saberes reunindo o que eu trazia como docente com as vivências dos estudantes. Ao iniciar meus estudos sobre práticas negrorreferenciadas, pude perceber que aplicava a metodologia, visto que assentei a minha base teórica em intelectuais e autores negros.

Um exercício que norteou grande parte da disciplina foi o Escrevivências, idealizado por Conceição Evaristo (2020). A proposta de Evaristo mediou todo o processo de escrita textual das três unidades abordadas. Explorei com os alunos a escrita de vivências, partindo da realidade dos indivíduos e transcendendo para o coletivo. A simbologia africana do pássaro sankofa (2009), que faz referência a "retornar ao passado para ressignificar o presente e

construir o futuro”, de Abdias Nascimento (2019, online), foi a base para traçar projetos de vida dos discentes.

Propus exercícios que trabalhassem o resgate de memórias a partir de perguntas voltadas para a infância, estimulando a parte sensorial e afetiva, para despertar as lembranças dos discentes. Normalmente eles escreviam as respostas das perguntas e depois traziam essas escritas para o corpo através de exercícios de partituras corporais. A partir dessa metodologia foi possível unir e refletir dentro das perspectivas de um passado ancestral, para transformar o presente e criar caminhos fortalecedores para o futuro.

Em diálogo com os conhecimentos absorvidos durante o curso de Licenciatura em Teatro, que proporcionam uma base sólida para adotar uma postura ética em sala, dedicada à liberdade criativa dos discentes, promovendo uma escuta sensível que respeita cada processo sem emitir julgamentos, reconhecendo a singularidade de cada narrativa.

No contexto dessas reflexões, destaco as disciplinas de Jogos Improvisação Teatral, Fundamentos de Ensino de Teatro e os Laboratórios em Práticas Pedagógicas. Estes componentes são direcionados à preparação do licenciando para desenvolver uma didática e repertório pedagógico.

A metodologia apresentada nessas disciplinas inclui os jogos teatrais de Viola Spolin (2014), que buscam ativar a imaginação e evocar a infância. Além disso, são abordados os jogos e exercícios para atores e não-atores de Augusto Boal (1992), com o objetivo de incentivar o desenvolvimento do senso crítico e político.

Essa bagagem teórico-pedagógica, adquirida ao longo do curso de Licenciatura em Teatro, torna-se uma ferramenta valiosa para desenvolver propostas em sala de aula que estimulem o imaginário, a criatividade e a autonomia dos estudantes. A pedagogia teatral, nesse contexto, é percebida como um terreno de aprendizado que visa à partilha de saberes e à denúncia de opressões e desafios vivenciados na contemporaneidade, com enfoque nas adversidades enfrentadas pela juventude negra da periferia.

Levando isso em consideração, o nome da eletiva 'Memórias de onde eu vim' aponta para uma volta ao passado. No entanto, propus uma divisão dos conteúdos em subtemas que contemplaram as quatro fases da vida: a infância, adolescência, vida adulta e velhice. Almejei, com isso, estimular a construção dos projetos de vida a partir do estímulo de sonhar; do retorno à ancestralidade; da abertura de espaços de diálogo; e da formação de opiniões e percepções.

Dito isso, as práticas efetuadas na disciplina possuíram uma vertente do teatro militante, na qual sua finalidade é denunciar as violências sociais que impactam os corpos da juventude negra periférica. Para tanto, utiliza-se o fazer teatral como meio de expressão dos descontentamentos e da jornada de autodescoberta e reconhecimento da identidade negra, conceituado como teatro engajado<sup>13</sup>, onde seu principal propósito está intrinsecamente ligado à discussão de questões relacionadas à condição do negro na sociedade, assim como à defesa e afirmação de sua identidade e cultura.

Como destaca Lima (p. 45-46) essa abordagem apresenta uma postura assumidamente crítica, seja no texto, no formato ou em ambos, em relação à situação do negro e de sua cultura na sociedade, utilizando o teatro como instrumento de contestação. Assim, evidenciei a autonomia, senso crítico, estimulando os discentes a assumirem o protagonismo de suas histórias. Para tanto dividi as unidades da seguinte maneira:

**a) Unidade I- “De onde vim”**

Esta unidade introdutória aconteceu durante os meses de março e abril, nela busquei o resgate ancestral a partir das memórias afetivas e da volta às origens dos estudantes através da prática das “Escrevivências”, impulsionada pela provocação “brincadeiras de onde eu vim”.

O exercício funcionava a partir da *escrita automática*. Criei uma ambientação assentada em músicas relaxantes e realizei perguntas voltadas à infância, tais como “qual é o gosto da sua infância?”, “qual era a brincadeira que você mais gostava?” e “qual a sua memória favorita de quando você era criança?”. Com papel e caneta nas mãos, os alunos realizavam as suas escrevivências respondendo a essas perguntas. A ludicidade dos jogos teatrais permitiu o despertar do imaginário e da criatividade, realizando um resgate ancestral que atravessou diversos estudantes, contribuindo para que rememorassem histórias que diziam respeito às suas raízes, resgatando a essência do fazer e do produzir coletivamente.

O voltar à infância é um ponto de partida que muitas vezes pode ser doloroso, porém nesse processo foi investigado o lado criativo e mágico da criança que habita em nós, o autor Rubens Corrêa (1994), descreve a importância de ativar essas memórias.

A recuperação da liberdade da infância através da vida adulta foi sempre uma das minhas metas; a criança é uma fonte incrível de informação artística - e a criança que nós fomos recuperadas através do nosso lado lúdico tão atrofiado pelo correr dos anos,

---

<sup>13</sup> Teatro popular e teatro engajado são duas denominações, entre outras, que ganharam corpo por intermédio de um vivo debate que atravessou o final do século XIX e se consolidou no século XX. Seu ponto de convergência estava na tessitura das relações entre teatro e política ou mesmo entre teatro e propaganda. (Paranhos, 2014)

pode nos servir de guia, mas um guia muito especial, que caminha alegre e despreocupado, que sabe descobrir o mágico dentro do cotidiano. (Corrêa , 1994, p.3),

Nessa etapa os estudantes produziram livros e fichários, nos quais trouxeram lembranças e histórias de brincadeiras e momentos da infância e de suas relações familiares. O espaço seguro para a criação propiciou que os alunos trouxessem e discutissem temas caros à contemporaneidade como gênero, sexualidade e emoções. Em um determinado momento, duas estudantes do 1º ano - Ana Luiza e Yasmin - apresentaram uma cena intitulada “É de menino ou de menina?”, na qual apresentaram a importância do coletivo e do brincar juntos, desassociando os estereótipos de cores e brincadeiras voltada ao gênero.

Figura 8- Cena é “É de menino ou de menina?”, das estudantes Ana Luiza e Yasmin da turma do 1º ano- Colégio Estadual Rotary



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Kammoa

O resgate da infância através de brincadeiras e jogos do repertório dos próprios discentes contribuiu para a construção e apresentação de cenas, o que possibilitou a introdução da relação entre ator e espectador e bem como o desenvolvimento de escuta, compreensão e senso crítico junto aos estudantes.

Ao final de cada aula, uma roda de conversas servia para avaliação e reflexão do processo de ensino- aprendizagem, e os discentes podiam expressar suas opiniões, dúvidas e sentimentos para que pudéssemos debater coletivamente. Neste espaço de diálogo todas as falas eram recebidas com acolhimento e afetividade.

Aos poucos pude desconstruir o receio que muitos estudantes tinham de se expor e isso só foi possível através da propositura de um ambiente onde todos se sentissem seguros. De

forma gradual os discentes aprenderam a divergir da opinião do colega sem entrar em conflitos ou partir para violência.

O processo de escuta sensível é primordial quando se trata do desenvolvimento questionador do estudante e para sua validação, como aponta a escritora bell hooks (2013, p.26) “As vozes dos alunos nem sempre são ouvidas para isso, a consciência crítica ajuda bastante. A educação libertária quando todos tomam a posse do conhecimento como se fosse esta uma plantação em que todos temos de trabalhar”.

#### **b) Unidade II - “Onde estou”**

Com base na escuta sensível partimos para a unidade dois que tinha por foco não mais o passado, mas sim o presente. Busquei com isso despertar e aflorar as vozes e os pensamentos dos estudantes na perspectiva de construção de identidade, aceitação e empoderamento além de estimular a valorização de suas comunidades, culturas e tradições. Em minha abordagem metodológica eu dividi as aulas em teóricas e práticas.

Na primeira parte utilizei a construção de mapas mentais para organização das ideias dos estudantes, e na segunda parte, introduzi jogos e exercícios teatrais no intuito de trabalhar a corporeidade e fortalecer o processo de escrita. Para direcionar e estimular as escritas dos discentes, cada mapa possuía uma temática.

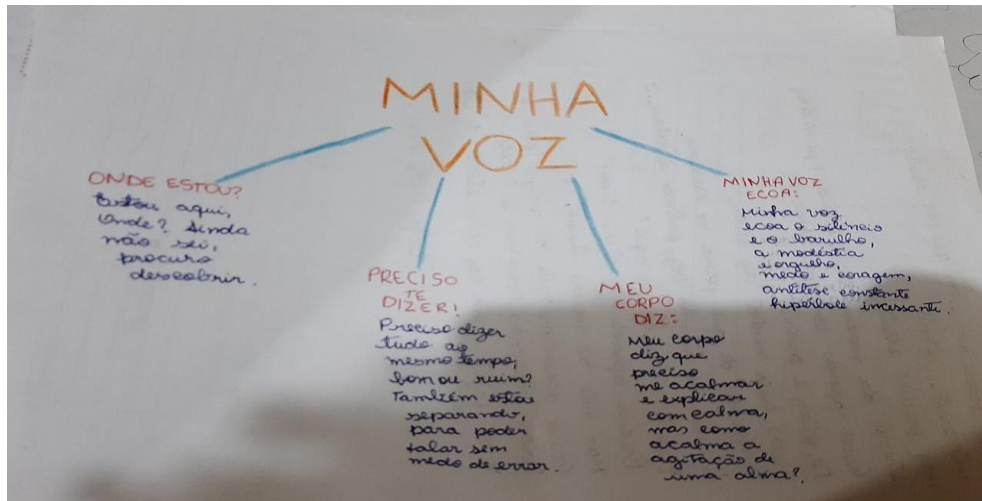
O primeiro se chamava “Gênesis” e tinha como objetivo entender como funciona a criação de personagens, bem como exercitar a empatia e a valorização da autoestima, tendo em vista que os personagens eram os próprios colegas e os discentes tinham que apontar as características e qualidades, detalhando tanto o psicológico quanto o físico para construção de personagem.

O segundo mapa se chamava “Origem”, que trabalhava a progênie do nome e tinha por finalidade a descoberta da existência e significado do nome de cada discente. Nessa atividade os estudantes refletiram a origem de seus respectivos nomes e se estes condiziam com a suas personalidades.

O último mapa tinha por nome “Minha voz”, os estudantes escreviam seus sentimentos, baseado nas provocações: “Onde estou?”, “preciso te dizer”, “o que meu corpo diz e minha voz ecoa?”. Tais questões tinham como intuito que os discentes fizessem uma auto investigação e reflexão a respeito dos seus interesses e percepções sobre o mundo e como eles se colocam nele.

Além dos mapas, foram produzidos poesias e poemas que exploravam temáticas voltadas à identidade, autoconhecimento e empoderamento. A proposta era utilizar os escritos, os jogos e os exercícios desenvolvidos em sala como roteiro dramaturgico e preparação corporal para cena, visando o processo de montagem de uma mostra cênica no final do ano letivo.

Figura 9- Mapa mental produzido pela estudante Licya Brito do 1º ano, na disciplina eletiva de Teatro



Fonte: Arquivo pessoal

### c) Unidade III - “Para onde vou”

O propósito da unidade três era estimular os sonhos e perspectivas futuras dos discentes. O conteúdo abordado nesta etapa foi construído a partir de um apanhado de tudo que foi trabalhado nas unidades anteriores, estabelecendo uma conexão entre passado, presente e futuro.

Os repertórios desenvolvidos em sala de aula como os mapas mentais, poemas, jogos teatrais, diálogos e debates serviram como base para construção dramaturgica e para preparação corporal para montagem das mostras cênicas.

O apogeu do ano letivo se deu com as apresentações das cenas cujas temáticas estavam relacionadas a memórias e ancestralidade, preservação de culturas e tradições, desejos profissionais, anseios e inseguranças sobre o futuro, bem como críticas de cunho político e social como violência doméstica, desigualdade social e homofobia.

Figura 10- Cena apresentada pela turma do 1º ano, para disciplina eletiva de Teatro



Fonte: Arquivo pessoal

Nas cenas os estudantes apontavam caminhos de melhorias e suas indignações com situações que estão arraigadas em nosso cotidiano. As potentes apresentações foram impactantes e suscitaram muitos sentimentos e questionamentos por parte dos discentes. Como educadora fui tocada por tudo que foi vivenciado e construído nesse processo de ensino-aprendizagem.

No começo do ano, quando iniciei minhas aulas, percebi que muitos alunos desconheciam a existência do ensino superior em Teatro. Essa percepção me fez recapitular a minha trajetória enquanto aluna de ensino médio, pois também não tinha essa informação. Desta forma, ter chegado ao final do nosso processo ciente que pude abrir espaços e oferecer meios para que os estudantes conhecessem o que fazemos na universidade foi bastante enriquecedor.

A transformação dos estudantes ficou nítida. Notei que ao longo de nossas vivências eles passaram a se posicionar de forma mais segura e convicta, além de terem desenvolvido uma boa capacidade de mediar conflitos e trabalhar coletivamente de forma mais harmoniosa.

Acredito que em nosso tempo juntos, conseguimos construir um espaço onde todos se sentissem acolhidos e seguros, onde pudéssemos partilhar saberes e vivências. Ao acompanhar a construção de cada cena consegui identificar respeito e autonomia emanando dos estudantes quando colocavam seus corpos e suas vozes em cena.

Tudo isso refletiu em seus projetos de vida, pois apesar destes serem construídos individualmente, seus processos de construção transbordavam para o coletivo. A experiência junto ao Colégio Rotary foi bastante significativa para a formação da minha visão sobre a docência e foi o ponto de partida que me instigou a fazer uma imersão nas metodologias pautadas no teatro negro.

Essa experiência marcou uma reviravolta em minha perspectiva, expandindo meus ideais e pensamentos. Minha aspiração de proporcionar aos discentes um repertório robusto de representatividade negra e incentivá-los a valorizar suas histórias e origens, era tanta que transcendeu tanto na minha vida pessoal quanto em minha trajetória acadêmica.

Apesar de já possuir um conhecimento racial sólido, cultivado em meu ambiente familiar, ao ingressar na universidade, percebo que, por um tempo, essas ideologias talvez tenham perdido um pouco de força ou até mesmo sido desconsideradas. Isso pode ser atribuído, em parte, à escassez de referências de autores negros (as) em meu percurso universitário.

A virada aconteceu quando cursei a disciplina de "Teatro Negro" (2022), ressaltando que é o único componente obrigatório no curso de Licenciatura em Teatro voltado para a temática negrorreferenciada, recentemente implementado devido às lutas e reivindicações dos estudantes.

A ementa da disciplina se baseia no “Estudo teórico-prático dos modos de transmissão e produção de saberes afrocentrados tradicionais e/ou contemporâneos e o ensino do teatro”. O componente é ministrado pela professora Evani Tavares Lima, durante esse processo de ensino-aprendizagem, tive contato com diversos estudiosos negros (as), o que me permitiu compreender que minhas vivências e saberes eram válidos no contexto acadêmico.

Assim, abro uma breve reflexão e questionamento sobre a preparação dos futuros docentes em relação ao repertório pedagógico para trabalhar a Lei 11.645/08 em sala de aula. Surge a indagação de como esse licenciando terá recursos pedagógicos voltados à temática negrorreferenciada se, durante sua graduação, há escassez de componentes que abordem esse tema? Portanto, há uma necessidade de reparação e implementação de políticas públicas que incentivem e instituem mais componentes obrigatórios nas universidades dentro da temática negrorreferenciada, visando uma melhor preparação dos licenciandos.

Esses episódios foram catalisadores tanto em relação à representatividade, onde senti identificação ao ter acesso aos conhecimentos produzidos por intelectuais que se assemelham a mim, tanto na cor da pele como nas vivências. Além disso, esse movimento traz suporte para minha pesquisa e desenvolvimento de um método de ensino que entrelaça passado, presente e futuro, utilizando a arte teatral como ferramenta para explorar memórias ancestrais, identidade, sonhos e planejamentos futuros de maneira sólida, embasada nos pensamentos e obras de intelectuais negros (as).



#### 4 PRÁTICAS NEGROREFERENCIADAS

Ao refletir sobre a arte de tecer, vislumbro imagens de pessoas costurando juntas, cada indivíduo segurando uma extremidade de fio, para criar algo singular. Essa visão serve como uma metáfora, onde cada fio representa nossa história e subjetividade, enquanto o ato de costurar simboliza a construção de um caminho coletivo, repleto de vigor e representatividade.

Nessa vasta teia, entrelaçam-se saberes, promovendo um processo simultâneo de aprendizado e autoconhecimento. Isso resulta na fusão de saberes que mesclam elementos ancestrais com contemporâneos, potencializando as temáticas de ancestralidade, identidade e sonhos. Com um foco específico em influenciar a construção do projeto de vida dos jovens negros das periferias, assim, delineiam-se as práticas negroreferenciadas apresentadas nesta monografia.

Fundamentada no teatro negro, em prol de destacar as obras e ensinamentos de intelectuais negros(as), e enriquecidos por perspectivas que abraçam a construção de projeto de vida para a juventude negra da periferia, tenho como principal referencial a simbologia do pássaro africano Sankofa.

A Sankofa, faz parte do conjunto ideogramas chamados Adinkra, feitos pelo povo Akan, grupo linguístico da África Ocidental, em sua maioria concentrados em Gana e Costa do Marfim. Os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar), trazem a ideia de que “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”, Provérbio Akan (Nascimento; Gá, 2022, bp. 40-41).

Figura 11- Imagem do pássaro africano Sankofa



**Fonte:** Retirado do livro, Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos, com organização de Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá. Editora Cobogó; 1ª edição (5 agosto 2022)

A revista “Sankofa- História da África e de Estudos da Diáspora” (2023, p.6) traz a reflexão sobre essa simbologia e sua importância para construção de uma trajetória consistente e potente que bebe da sabedoria ancestral para que coletivamente possa moldar um futuro melhor.

Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de autoidentidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

Levando isso em consideração, para desenvolver práticas que fortaleçam o projeto de vida na comunidade negra, desenvolvo o exercício central das práticas negrorreferenciadas, denominado de *Árvore dos Caminhos*, que tem por finalidade delinear anseios e desejos, misturando passado, presente e futuro. A dinâmica consiste em cada participante desenhar uma árvore, dividida em três significados:

**1. Raízes:** significam os saberes ancestrais. Nas raízes os participantes devem escrever palavras ou frases que remetam o que trazem de suas raízes.

**2. Caule:** denota “quem sou eu, no momento presente?”. No caule os participantes devem escrever palavras ou frases que remetam a quem eles são no processo de crescimento e evolução.

**3. Folhas e frutos:** significa o futuro, a colheita. Os participantes devem escrever palavras ou frases que simbolizem o que desejam para o futuro, baseado nos respectivos sonhos e desejos. E expor quem eles trazem para a colheita desse sonho no futuro.

A partir dessa estrutura, a atividade desdobra-se em três etapas distintas, com intuito de trabalhar passado (ancestralidade); presente (identidade); futuro (sonhos), através da escrita, oralidade e prática teatral.

#### 4.1 PRÁTICAS ANCESTRAIS

O sentido de ancestralidade, aqui abordado, refere-se às riquezas culturais, tradições e costumes transmitidos ao longo das gerações na comunidade negra. A proposta das práticas ancestrais é extrair reflexões e ensinamentos provenientes das experiências compartilhadas com

nossos antepassados. Este processo visa ecoar no presente e moldar a construção de planos para o futuro. Para atingir esse propósito, revisita-se memórias com a intenção de despertar afetividade, promover reflexões e fortalecer as raízes culturais e históricas.

Com objetivo de proporcionar uma compreensão mais profunda da ancestralidade que ressoa na construção da identidade, os alicerces desta etapa fundamentam-se na investigação, memória e oralidade, para isso, utiliza-se a estrutura da atividade Árvores dos caminhos como base, o direcionamento começa através das raízes.

O primeiro passo consiste na investigação do que nossos antepassados trazem como saberes e conselhos para nossas vivências na atualidade. Buscamos, portanto, compreender a história e cultura negra, visando aprender e valorizar nossas raízes, explorando as riquezas culturais, adereços e características do cotidiano, que são frequentemente negligenciadas nos contextos de ensino.

Adotando uma linguagem afetiva, fazemos uso de recursos do dispositivo de memória, concentrando-nos nos anciões, como avós e bisavós. Na falta de contato direto com essas figuras, recorreremos a parentes que compartilharam as vivências dessas personalidades. Isso introduz o processo da oralidade, baseado na contação de histórias.

O ato de relatar vivências proporciona o acesso a uma sabedoria ancestral, desenvolvendo saberes e memórias afetivas que transcendem gerações, influenciando nossa compreensão e relacionamentos. O vínculo criado na roda de contação de histórias impacta tanto na identificação quanto na partilha de saberes.

Refletindo sobre minhas próprias relações com meus avós paternos e maternos, enquanto filha de pais separados, recordo-me das visitas aos avós paternos em Salvador-BA e aos avós maternos em Catana I, no interior de Entre Rios-Ba. Apesar da diferença das localidades, uma urbana e outra rural, meus dois avôs, Hermínio dos Santos e José Pereira, conhecido como Zoinho, demonstravam o prazer de contar histórias sobre a roça, gado, plantio e lendas regionais.

Lembro-me de nos reunirmos na casa de farinha, onde ouvíamos histórias fantásticas, como a existência de um lobisomem na região e de uma cobra voadora. Na infância, acreditava veementemente nessas histórias e, agora, como futura educadora, compreendo o impacto e importância dessas narrativas em nosso imaginário. Além dos contos, a compartilhamento de entendimentos sobre a produção de farinha, beiju, biscoitos e o respeito à natureza eram constantes.

A musicalidade também desempenhava um papel significativo, com eles cantando ao som de pandeiro e improvisando cantigas que refletiam alegria. Meu avô, Zoinho, tinha o dom de envolver os netos nas cantigas, criando vínculos com muitos sorrisos, respeito e amizade, estimulando-nos a criar nossas próprias canções.

Paralelamente, destaco a importância de partilhar saberes com base no conhecimento ancestral, dito isso rememorei uma oficina de teatro que conduzi para a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio Central da Bahia, composta principalmente por idosos, predominantemente mulheres, e pessoas com deficiências (PcD). O repertório didático-pedagógico, fundamentado em práticas negrorreferenciadas com ênfase ancestral, foi implementado, considerando as etapas de investigação, memória e oralidade.

Foram exploradas recordações e vivências relacionadas às brincadeiras da infância, reflexões sobre o presente e por fim desejos futuros. Estas três características convergiram para o fazer teatral e a corporeidade, envolvendo mente e corpo, possibilitando trabalhar expressividade, consciência corporal, narrativas, emoções e sentimentos dos participantes.

Como facilitadora, foi essencial abordar a oficina com delicadeza e atenção, reconhecendo as vivências desse grupo social, frequentemente marcadas por negação e negligência de direitos, notadamente ao estudo e lazer, assim como experiências de *bullying*, racismo, preconceito e outras formas de violência social.

Ciente disso, encorajei o público a compartilhar suas histórias, garantindo um ambiente seguro, e destacando a importância da escuta e acolhimento entre os colegas. Ao término das atividades, cada participante se posicionava no centro da roda, utilizando a oralidade e movimentos corporais para expressar uma memória de infância associada à afetividade, características de suas identidades (quem sou eu?), e, um sonho para o futuro.

Os depoimentos foram ricos em emoções e significados, especialmente ao abordar a infância e os anseios, muitos expressando o desejo de concluir o ensino médio para ingressar em uma instituição de ensino superior. Um depoimento em particular chamou minha atenção, uma idosa, de aproximadamente 65 anos, compartilhou que, na infância, seu maior desejo era ter uma boneca. Contudo a falta de acesso ao brinquedo foi compensada pela presença de uma prima recém-nascida, a qual ela considerava seu brinquedo. Enquanto relatava a história, era evidente o carinho pela lembrança, entrelaçado à dor de não ter acesso ao brincar, refletida em lágrimas nos seus olhos. Questionada sobre o futuro, ela respondeu: o futuro é hoje, é agora.

Além disso, a ausência da escrita foi fundamental para uma prática fluida, respeitosa e afetiva, considerando a dificuldade de escrita enfrentada pela maioria dos discentes, já que muitos estavam em processo de alfabetização. A combinação do exercício "árvore dos caminhos" com práticas ancestrais se fundiu ao fazer teatral, envolvendo atores e não atores na preparação de cena, estimulando o imaginário e a criatividade.

Apesar dos três pilares definidos, a prática ancestral descrita nesta monografia é abrangente e pode ser aplicada de diversas formas, incluindo exercícios de consciência corporal, criação de cena, uso de objetos para despertar memórias ancestrais, repertório musical e cinematográfico, desenhos e pinturas. É crucial salientar que o ponto central desta prática é guiar os participantes a uma imersão ancestral que influencie significativamente em suas jornadas atuais e futuras.

#### 4.2 PRÁTICAS DE AUTOCONHECIMENTO

É imprescindível destacar que as práticas ancestrais exercem um impacto direto no processo de autoconhecimento, portanto é importante conhecer as raízes para desvendar os frutos. Nesse contexto, o desenvolvimento dessas práticas fundamenta-se no Caule do exercício da Árvore dos caminhos, que consiste essencialmente em um processo de investigação e construção identitária do sujeito.

Durante essa fase, o questionamento central, "quem sou eu?", permeia a trajetória de ensino-aprendizagem. Entretanto, é preciso salientar que, o termo Autoconhecimento, utilizado nesta monografia, está intrinsecamente ligado à construção e reafirmação da identidade negra, conforme conceitua Nilma Gomes (2005):

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal (Gomes, 2005, p.39).

Desse modo, a identidade negra não se forma isoladamente, mas sim por meio das trocas e interações entre os sujeitos. Centrado no presente (identidade), as práticas de

autoconhecimento, utilizam-se de recursos pedagógicos, tais como: a escrita, a investigação corporal e a oralidade, com foco em construir uma identidade embasada na autodescoberta, empoderamento e autodeterminação. O processo busca explorar como o indivíduo está inserido no mundo e em suas relações, partindo de uma narrativa de si, metodologia fundamentada pela socióloga Marie-Christine Josso (1988):

A narrativa de si possibilita a recuperação das memórias, destas histórias únicas, compreende procedimentos de um processo que promove um encontro ‘consigo mesmo’ e que busca o desvelamento sobre ‘como me tornei no que sou’ e ‘como tenho eu as ideias que tenho’. (Josso,1988, p.41).

Assim, os participantes são incentivados a explorar suas histórias, desafios e aspirações futuras, promovendo uma construção identitária que estimula a autorreflexão e o olhar coletivo. Conscientes de que o processo de autoconhecimento é constante e infundável, os participantes, por meio de diálogos e trocas em rodas de conversa, podem refletir sobre a sua importância e suas ações, sucedendo em uma autoanálise.

Nestes momentos, novos limites são testados, descobrindo e redescobrando novas versões, trilhando caminhos de cura para superar medos e inseguranças, ressaltando a importância da afetividade e acolhimento nesse processo. Os procedimentos didáticos pedagógicos, voltados para as práticas negrorreferenciadas, têm como objetivo investigar a identidade tendo como elementos principais a escrita e a oralidade.

Para mediação de conteúdo, foram adotadas três práticas para estimular uma escrita que auxiliasse na investigação da identidade, sendo elas: o “Diário de Bordo”, o exercício de “Escrita Automática”<sup>14</sup> e as “Escrevivências”. Esse último método, é o exercício central das práticas de autoconhecimento, pois estimula escrever nossas vivências para que nos tornemos protagonistas das mesmas. Sobre isso, Conceição Evaristo (2020, p.39) pontua que é “na escrevivência o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade”

Para compreender melhor o funcionamento dessas práticas é válido explorar um relato mais detalhado sobre como foram aplicadas na Oficina Teatral: *Em Busca de Mim*, vinculada à disciplina de Estágio em Pedagogia do Teatro III. O público-alvo consistiu em jovens

---

<sup>14</sup> A "escrita automática" é um método de escrita criado por André Breton - escritor francês, poeta e líder do Movimento Surrealista -, que consiste em uma produção escrita que busca suprimir pensamentos conscientes de quem escreve, uma forma de deixar o pensamento inconsciente fluir.

universitárias, com idade entre 17 e 24 anos, provenientes de diferentes regiões e de variadas profissões, recém-chegadas a Salvador-BA.

As participantes encontraram na oficina a oportunidade de expressar seus anseios, medos e inquietações, por meio da prática teatral. A oficina atuou como um espaço de imersão no autoconhecimento, buscando conectá-las, novamente, com suas raízes e fortalecer suas identidades pessoais, mantendo-as alinhadas à temática de Projeto de vida.

A escrita, direcionada pelo exercício de “Escrevivência”, desempenhou um papel essencial nesse processo. Essa etapa foi fundamentada na escrita automática, orientada por perguntas norteadoras. Durante 10 (dez) minutos, as participantes foram incentivadas a registrar, de forma espontânea, os pensamentos desencadeados pelas seguintes perguntas:

- 1) Quais são as suas raízes?
- 2) Qual é a sua memória favorita da infância?
- 3) Onde você está?
- 4) Quais são seus medos e anseios?
- 5) O que você deseja para o futuro?
- 6) O que você traz do seu passado que reverbera no presente e refletirá no futuro?

Este exercício tem como propósito estimular o imaginário, a criatividade e o despertar de memórias ancestrais, bem como a manifestação de desejos para o futuro. Os escritos tornam-se pretextos, os quais são, posteriormente, explorados na fase de investigação corporal, que é conduzida a partir da experimentação da palavra no corpo. Neste processo, as participantes percorreram o espaço, enquanto refletiam sobre como suas respostas se integravam às expressões corporais.

Um exemplo prático envolve uma participante que expressou corporalmente, ao falar sobre seu estado de origem, o Piauí, as características climáticas predominantes lá, ela também explorou, no momento, elementos como a culinária local e o comportamento das pessoas. Essas experimentações evoluíram para uma partitura com início, meio e fim, que, por sua vez, se transformou em uma imagem corporal estática. Esse processo individual, de investigação corporal, integrou-se ao corpo coletivo onde as demais participantes contribuíram, formando uma ampla imagem, composta pelos fragmentos de cada história pessoal.

Figura 12- Oficina Teatral: Em busca de mim- Exercícios da etapa de investigação corporal



Fonte: Arquivo pessoal

A escrita tem grande importância, pois, instiga reflexões profundas sobre a construção da identidade, as participantes se veem confrontadas com questionamentos significativos acerca de seus gostos, sensações e ações, levando-as a indagações, tais como: "será que minha preferência por determinada coisa é autêntica ou fui influenciada a gostar dela?", "estes são, verdadeiramente, meus sonhos, ou são desejos alheios, que foram implantados em mim?", e "quais são meus ideais e princípios inegociáveis?".

Vale ressaltar que, ao abordar a construção da identidade negra, verificamos diversos estigmas que permeiam e influenciam as trajetórias. Esses estigmas muitas vezes se confundem com a própria verdade. A antropóloga Maria Lucia Montes (2000, p.174) relata que “o negro, no seu processo identitário, ao longo da história, aprendeu com maestria manejar pelo avesso a representação negativa de si construída pelo olhar do outro”.

Nesse sentido, percebo que a aplicação de práticas negreferenciadas voltadas ao processo de autoconhecimento, se configura como uma rota promissora para amenizar os estigmas que circundam a identidade negra. Essas práticas proporcionam uma imersão na jornada de autodescoberta, fundamentada na investigação individual, sustentada pela valorização dos conhecimentos e memórias ancestrais.

Em tais abordagens, cada sujeito pode discernir suas habilidades latentes e construir autoconfiança, capacitando-se a desbravar os caminhos que conduzem aos seus sonhos.



Vinculado a isso, pensando em uma estrutura cênica, os exercícios executados servem para a criação dramatúrgica. Com as integrantes da referida Oficina, os materiais escritos produzidos nas atividades, serviram como norte para construir monólogos e uma composição dramatúrgica.

Ancoradas nas narrativas das participantes, as histórias desdobraram-se em três estratos: eventos da infância evocando o passado; questionamentos e incertezas relacionados à identidade, entrelaçando-se com o momento presente; e aspirações e sonhos para o futuro. Durante a elaboração, ficou nítido que todas as histórias guardavam uma íntima relação com a noção do tempo - o anseio de voltar atrás para sentir o abraço da avó que já se foi, o desespero de viver o agora, os desejos e curiosidade para o futuro.

Sendo a última fase da oralidade, a técnica utilizada para aprimorar a contação de histórias das participantes, e prepará-las para a apresentação dos monólogos, foi o método “fórmula do sucesso”, técnica desenvolvida pelo professor Edson Duavy<sup>15</sup>. Essa fórmula baseia-se em quatro pilares:

- a) **Fato:** explicação e contexto da situação.
- b) **Floreio:** esboço, de forma minuciosa, da história. Como por exemplo citar a cor da roupa dos personagens, os objetos, o cheiro etc.
- c) **Ação:** movimento, a dinâmica do fato, o clímax da história
- d) **Benefício:** lição de moral. O ensinamento que fica.

A aplicação dessa técnica, sem dúvidas, enriqueceu tanto a escrita quanto a apresentação, e gerou energia, estabelecendo conexão robusta entre o ator e o espectador. Durante esse processo, a coletividade se manifestou de maneira marcante, culminando na decisão de renomear a Mostra Cênica de "Em Busca de Mim" para "Em Busca de Nós". Essa adaptação reflete a compreensão de que caminhar em grupo é salutar.

Todavia, a prática do autoconhecimento busca estimular a autodescoberta, fundamentada no conceito da identidade negra, visando promover um reconhecimento identitário, individual, que proporciona autoestima e empoderamento. É fundamental que, nesse processo, exista a consciência da influência que uma identidade fortalecida pode exercer em um projeto de vida, impactando, de forma expressiva, na coletividade.

---

<sup>15</sup> Método ensinado pelo professor Edson Duavy, em 2022, na oficina teatral "Biografias Improvisadas", ministrada em 2022 pelo 1º Festival Lusotropolitano em Salvador, programação disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYEbMr1Ok4r/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>

### 4.3 PRÁTICAS FORTALECEDORAS

As práticas ancestrais e de autoconhecimento constituem uma preparação essencial para essa última etapa que se centra no futuro (sonhos), e aqui é descrita como práticas fortalecedoras. Neste contexto, o termo "sonho" não se limita ao que ocorre durante o sono, retidos na extensão da imaginação, como miragens ou devaneios. Ao contrário, ele carrega consigo a conotação de realização, estando ligado a um propósito que se efetiva por meio da ação e manifestação, com a finalidade de promover transformações.

Quando voltamos nossa atenção para a parcela significativa da juventude negra, é possível observar que, muitas vezes, a oportunidade de sonhar não lhe é oferecida. Nesse sentido, as práticas negroreferenciadas têm como meta potencializar os sonhos, utilizando a representatividade e as trajetórias de indivíduos semelhantes para promover o reconhecimento e o incentivo, fortalecendo, assim, a autoconfiança. O conceito de sonho delineado neste contexto encontra eco no poema "Os Sonhos"<sup>16</sup> escrito por Conceição Evaristo (1990):

Os sonhos foram banhados nas águas da miséria e derreteram-se. Os sonhos foram moldados a ferro e a fogo e tomaram a forma do nada. Os sonhos foram e foram. Mas crianças com bocas de fome ávidas, ressuscitaram a vida brincando anzóis nas correntezas profundas. E os sonhos, submersos e disformes avolumaram-se engrandecidos anelando-se uns aos outros pulsaram como sangue-raiz nas veias ressecadas de um novo mundo. (Evaristo, 1990, p.31):

Ao refletir sobre o poema, observo a força dos sonhos diante da adversidade, destacando sua habilidade de renascer e crescer, especialmente quando alimentados pela esperança. Essa observação aponta para a capacidade intrínseca dos sonhos de gerar mudanças profundas e necessárias na realidade circundante. Essa reflexão coaduna com as práticas fortalecedoras, as quais o público-alvo é encorajado a traçar seu "Projeto de Vida", com senso crítico, cooperando para uma sociedade mais justa e igualitária, almejando, assim, um horizonte de realizações individuais e coletivas.

Experimentei as práticas fortalecedoras, embasadas na temática de sonhos, com a turma da Oficina Teatral: Em busca de mim. Na oportunidade, o desenvolvimento dessas práticas se deu com base nas respostas oriundas dos significados das folhas e frutos, do exercício da Árvore

---

<sup>16</sup> O poema "Os sonhos" escrito por Conceição Evaristo, foi publicado em 1990, na série de Cadernos Negros-Volume 13. disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/poema-1/>. Acesso: 02 de dezembro de 2023 às 19:16

dos Caminhos. Nele, as participantes escreveram palavras ou frases que simbolizavam o que desejavam para o futuro, baseados nos respectivos sonhos e desejos.

Os recursos didático-pedagógicos utilizados foram a escrita, o repertório musical e a oralidade. Na primeira fase o recurso da escrita foi direcionado ao futuro, com a intenção de traçar planos e aflorar os sonhos. A oficina teve início em abril de 2023 e, já no primeiro encontro, aproveitando que as expectativas e curiosidades estavam bem aguçadas, solicitei que todas fizessem uma carta para o seu “eu” de junho, mês em que os encontros se encerraram.

As integrantes puderam escrever as suas expectativas, a partir de algumas perguntas norteadoras: “como você acha que estará após a experiência na oficina?”; “o que você espera realizar nesse processo?”; e “quais sonhos podem ser realizados nesse período?”. Após finalizarem a escrita, orientei que me entregassem as cartas, para que lêssemos somente após a apresentação da mostra cênica que marcou o fechamento da oficina.

Figura 13- Cartas escritas pelas participantes da oficina em busca de mim



Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda fase, para provocar reflexões, foram utilizadas letras de músicas, que exploram o tema Sonhos. Destaque para a música "trevo, figuinha e suor na camisa" do rapper Emicida, cuja letra aborda a importância do sonho continuado, da ancestralidade, fé e da celebração de conquistas. Abaixo trecho, desta canção, que reverberou em nossas reflexões.

Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós. Que eram sonhos dos meus ancestrais. Vitória é sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares, crendo que na volta somos mais. (Emicida, 2020)

A análise desse fragmento suscitou diversas indagações, tendo uma das componentes relatado que gostaria de não ter o peso de carregar o sonho de alguém. A canção baseia-se na liberdade de ser e fazer o que os nossos ancestrais, em pauta avós e bisavós, não puderam realizar, por variadas problemáticas, e que estão ligadas à falta de oportunidades ou liberdade de expressão.

Nesse sentido, relatou uma integrante ao dizer que sua avó amava contar histórias, dançar, cantar, e não perdia a chance de formar uma plateia, para se apresentar. Porém, apesar de ser uma artista, nunca foi reconhecida como tal. Essa reflexão fez todo sentido, pois uniu-se com saberes da possibilidade do sonho continuado, da liberdade e emancipação que temos, e que buscamos, nos dias atuais.

Com base nessa perspectiva, de sonho interligado com ancestralidade, os recursos cinematográficos e repertório musical, ofereceram espaço para reflexões sobre nossos antepassados, buscando criar um futuro pautado no coletivo. Nessa lógica, um exemplo notável é o filme *Pantera Negra*.

Na obra, nas cenas finais, o personagem principal, *T'challa*, passa por um ritual com a erva coração, que lhe permite acesso a verdades guardadas no mundo ancestral. Nessa experiência, o *Pantera Negra* se reencontra com seu falecido pai, *T'Chaka*. Durante essa conversa, *T'challa* expõe seus medos e anseios em relação à sucessão do trono, especialmente diante do ataque a Wakanda, país fictício suscitado no filme.

*T'Chaka* encoraja seu filho, oferecendo conselhos e mostrando que ele está preparado para enfrentar as adversidades. Após o encontro ancestral, *T'challa* retorna mais fortalecido, tanto fisicamente quanto mentalmente. Ao entrelaçar esse dilema com as práticas negrorreferenciadas, torna-se evidente que os saberes, legados e conhecimentos ancestrais desempenham um papel significativo nas vivências futuras. A metodologia aqui adotada valoriza esses saberes, vislumbrando a possibilidade de futuros repletos de coragem e identidade fortalecida.

O referido filme proporciona, também, reflexão sobre o protagonismo e o poder feminino, revelando as sociedades matriarcais africanas. Isso destaca a capacidade, força e autonomia na gestão da vida, além do compromisso com o bem-estar coletivo. Esse pensamento

segue a linha dos sonhos desejados, que surgem dos questionamentos: "quem eu trago nos meus sonhos?", e "como meu sonho impacta, e pode transformar, o coletivo?".

Dito isso, as participantes embarcaram em uma jornada ao revisitar suas memórias afetivas, palavras, conselhos e ensinamentos de seus antepassados, explorando, assim, seus sonhos. Foi fascinante observar como esses elementos reverberam no cotidiano, desencadeando um emaranhado de emoções, ao relembrar momentos e vivências.

Entretanto, uma das educandas, ao ser abordada sobre suas expectativas para o futuro e sonhos, revelou a ausência de expectativas. A trajetória dela já pautava-se em desinteresse, levando-me, como docente, a questionar o que motivava sua presença na oficina. Nesse momento, tornou-se evidente que os sonhos e interesses, possivelmente, já estivessem presentes, mas, devido a algum processo, depreciativo ou de rejeição, estavam adormecidos ou ocultos, necessitando serem estimulados.

Foi possível testemunhar a evolução e desenvolvimento dessa discente ao longo da oficina. Inicialmente, ela enfrentava dificuldades em ouvir, receber conselhos e assimilar técnicas sobre o fazer teatral, sua interpretação era marcada por uma inclinação ao ato de repreensão. Contudo, ao longo do processo de acolhimento e diálogo com a turma, ao final da oficina, ela demonstrava mais empatia e afetividade. Tornou-se visível o florescimento de seus sonhos e anseios.

A reflexão sobre os sonhos se expande na oralidade através da abordagem pedagógica de contação de histórias, proporcionando aos participantes a oportunidade de verbalizar seus anseios e desejos, explorando a consciência corporal e o contato com a plateia. Durante a apresentação da mostra cênica "Em busca de nós", os exercícios das práticas ancestrais, de autoconhecimento e fortalecedoras ganharam forma e interpretação. Os elementos se cruzaram e foram declamados com coragem, conhecimento e potência.

Após a apresentação, tivemos um encontro avaliativo, para conversarmos sobre todo o processo desenvolvido na oficina. Na ocasião, as cartas, escritas no primeiro dia de aula, foram abertas e causaram muita surpresa e emoção, pois foi possível notar as realizações e os medos superados.

O dia da avaliação, além de emocionante, foi enriquecedor para minha trajetória como professora de teatro, visto que pude contemplar a potência da arte teatral e desses caminhos que tecemos juntas. Me sinto muito agradecida pela confiança e afeto que criamos, uma experiência recheada de saberes, onde mediei o processo cênico, mas aprendi muito com as vivências. Os

aprendizados adquiridos serão essenciais para a minha trajetória como docente e, principalmente, para minha caminhada pessoal.

Figura 14- Abertura das cartas. Processo avaliativo da Oficina Em busca de mim



Fonte: Arquivo pessoal

As práticas negrorreferenciadas, desenvolvidas em três fases, convergem e emergem como retalhos costurados que se unem para tecer saberes, dialogando com ancestralidade, identidade e perspectivas futuras. Com enfoque nos jovens negros da periferia, a intenção é inspirá-los a esboçarem e trilharem “Projetos de Vida” poderosos, onde possam desenvolver autoconfiança, habilidades e potencialidades.

O reconhecimento de si e de sua identidade pode catalisar mudanças transformadoras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou refletir e compreender a importância educacional de unir experiências em prol da construção de saberes com enfoque na ancestralidade, identidade e perspectivas de futuro. Destacando a atuação do teatro educação em uma perspectiva negrorreferenciada, como metodologia instrumental para propiciar experiências motivadoras que levem jovens negros da periferia a pensar e elaborar seus projetos de vida.

Os saberes tecidos nesta monografia partem, inicialmente, da minha trajetória, enquanto mulher, negra da periferia, que ingressou na Universidade Federal da Bahia para se formar em Licenciatura e se tornar uma professora afim de compartilhar conhecimentos, tanto aqueles aprendidos na Licenciatura em Teatro, mas também saberes trazidos com as vivências na periferia. Uma jovem docente que pretende, alcançar aqueles que sofreram e sofrem com a desinformação, e a falta de uma base que permita esses jovens acessarem o ensino superior, público.

No desenvolvimento deste estudo, utilizei uma variedade de materiais e jogos que concebi e apliquei em sala de aula, além de ter adaptado exercícios existentes. A reflexão a partir dos relatos obtidos revelou-se fundamental para aprimorar minhas práticas. Durante esse processo, percebi a importância de alinhar meus objetivos enquanto mulher, negra, moradora da periferia e licencianda em teatro.

Acredito, também, que consegui promover e implementar uma educação antirracista, pautada no empoderamento, no desenvolvimento de habilidades e competências para a vida, no fortalecimento da autoestima e no reconhecimento e valorização das culturas e vivências dos jovens negros que vivem na periferia

Depois de toda essa trajetória, ainda consigo ouvir as vozes dos estudantes ecoando em meus ouvidos: “então eu também posso fazer teatro na faculdade”; “nas aulas de teatro eu sinto que posso ser eu mesma, me sinto livre”; “é isso pró, vou atrás dos meus sonhos”.

Essas frases evidenciam o que foi construído reflete na capacitação de cidadãos com autodeterminação e senso crítico, destacando não apenas a eficácia das práticas do teatro negrorreferenciado, mas também a importância de integrá-las de maneira sistemática e intencional no ambiente educacional, de forma que impacte no “Projeto de Vida”.

Em síntese, para mim, as práticas do teatro educação negrorreferenciado, quando utilizadas como fio condutor, como fiz, revelaram-se elementos-chave para o fortalecimento identitário, o cultivo do senso de coletividade e o desenvolvimento da autoconfiança. As vivências descritas, demonstram resultados que a abordagem negrorreferenciada, ao unir Práticas Ancestrais, de Autoconhecimento e Fortalecedoras, se apresenta como uma ferramenta educacional poderosa para o desenvolvimento integral da juventude negra.

Através do teatro, esses jovens puderam reconectar-se e olhar com mais afeto para suas referências culturais e cultura de seus bairros, fortalecer sua identidade e vislumbrar perspectivas de futuro mais amplas e promissoras, com a construção de seus projetos de vida.

As experiências, vivenciadas pelos participantes, descritas através dos depoimentos/diários/comentários, puderam experimentar um pouco de que o teatro educação negrorreferenciado não apenas contribui para a formação artística, mas também pode ser um agente transformador na construção de subjetividades. A valorização da ancestralidade, as histórias das famílias de cada um/uma, proporcionou uma oportunidade para o fortalecimento das identidades.

Diante disso, ratifico que os caminhos que me conduziram à temática desta monografia são os mesmos que me impulsionam para o futuro, visando disseminar informações sobre os espaços acadêmicos públicos destinados à juventude negra periférica, a quem carinhosamente chamo dos "meus". Acima de tudo, busco incentivá-los a sonhar, a se sentirem potentes e a reconhecerem suas capacidades e habilidades.

Ao estimular esses aspectos, consigo vislumbrar aquela Brenda de 2018, que ingressou na universidade pública aos 17 anos, sentindo-se deslocada e questionando se merecia estar ali, se a universidade era, de fato, para ela. Foi nessa jornada que encontrei diversas "irmãs e irmãos" negros/negras que constantemente se indagavam sobre seus pertencimentos na universidade.

Portanto, ao trilhar esses caminhos e integrar os saberes das minhas vivências, compreendi que o espaço acadêmico também pertence a mim e aos "meus". Com isso, consigo abraçar a Brenda Licencianda em teatro, afirmando que a universidade é, sim, para mim.

Contudo, almejo que as reflexões e metodologia apresentadas aqui contribuam para repertórios educacionais que evidenciem uma educação com princípios antirracistas, acolhedora, onde as vivências dos estudantes possam ser catalisadoras para inspirá-los a sonhar e planejar o futuro. Nessa trajetória de ensino, espera-se que se aprofundem ainda mais as relações entre o teatro negrorreferenciado, a construção de identidade e as perspectivas de futuro, ampliando o conhecimento sobre as potencialidades dessas práticas no contexto educacional.

Por fim, as experiências no Colégio Estadual Rotary e na Oficina Teatral "*Em Busca de Mim*", ressaltam a necessidade contínua de investir em abordagens pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade cultural, a fim de contribuir para a formação de cidadãos críticos, conscientes de sua identidade e capazes de enfrentar os desafios com perseverança.

Este estudo, portanto, serve como um convite à reflexão e à ação, inspirando futuras iniciativas que promovam uma educação verdadeiramente transformadora e emancipatória, pois promover um ambiente educacional inclusivo, empoderado e alinhado com o princípio da equidade é o caminho.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Grupo Editorial

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série

BRASIL. **LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm)> Acesso em 03 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMERON, Julia. **O caminho do artista**. Editora Sextante; Rio de Janeiro, 2017.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil. Pluralismo étnico e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DOS SANTOS, Ana Verônica Freire Monteiro et al. AMOR E RESISTÊNCIA–BELL HOOKS E A ESCRITA DO AMOR. **Cadernos de Pesquisas Multidisciplinares sobre Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero-CRSG**, v. 2, n. 1, p. 64-76, 2020.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: *Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela lei 10.639*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Periferia**. Enciclopédia Discursiva da Cidade. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=105>. Acesso em: 13 de dezembro de 2023

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Letramento, 2018.

LIMA, Evani Tavares. **Um olhar sobre o teatro negro do teatro experimental do negro e do Bando de teatro Olodum**. 2010. 345 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões**. Estudos avançados, v. 18, p. 209-224, 2004.

NEGRA. Pantera. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige; David J. Grant, Roteiro Ryan Coogler, Joe Robert Cole. Baseado nas histórias em quadrinhos de Stan Lee e Jack Kirby. Estúdios EUE/Screen Gems e Pinewood Studios, Atlanta; Busan, Coreia do Sul. Marvel Studios, Walt Disney Pictures, 2018.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012. Pesquisa em Educação, v.3.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. **Que bicho é esse?: teatro, engajamento e política no Brasil pós-1964**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; professora associada; / FAPEMIG/CNPq; PPM/bolsista de produtividade RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Iara. **Ocupação Sankofa**. Itaú Cultural, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/en/abdias-nascimento/sankofa/> . Acesso em: 04 de dezembro de 2023

SANKOFA. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, ano XVI, nº XXVII, Janeiro/2023

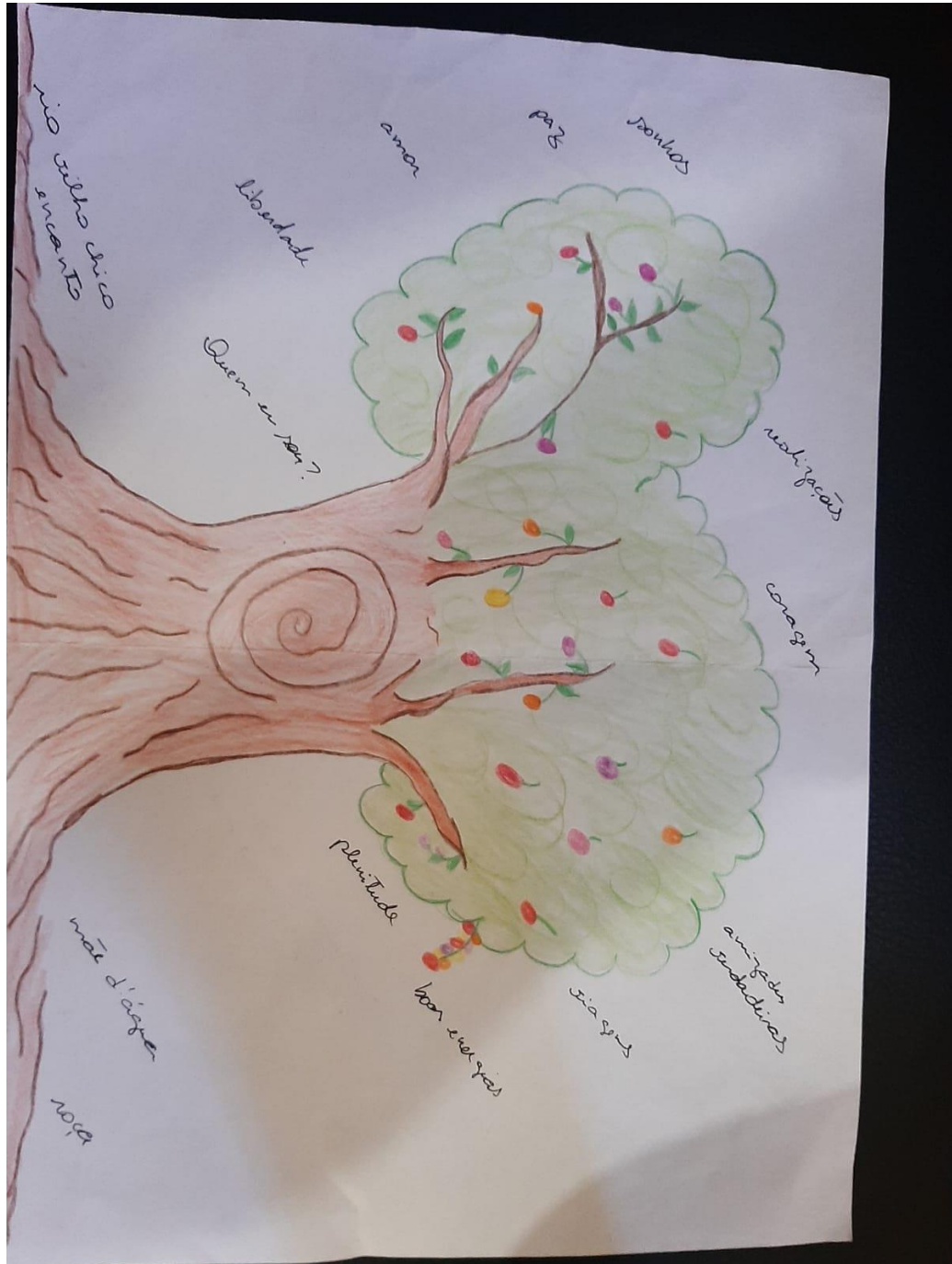
SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. CONCEIÇÃO EVARISTO – “**A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**”. Itaú Social, Rede Galápagos, São Paulo, 9 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> . Acesso em: 15 de Abril de 2023.

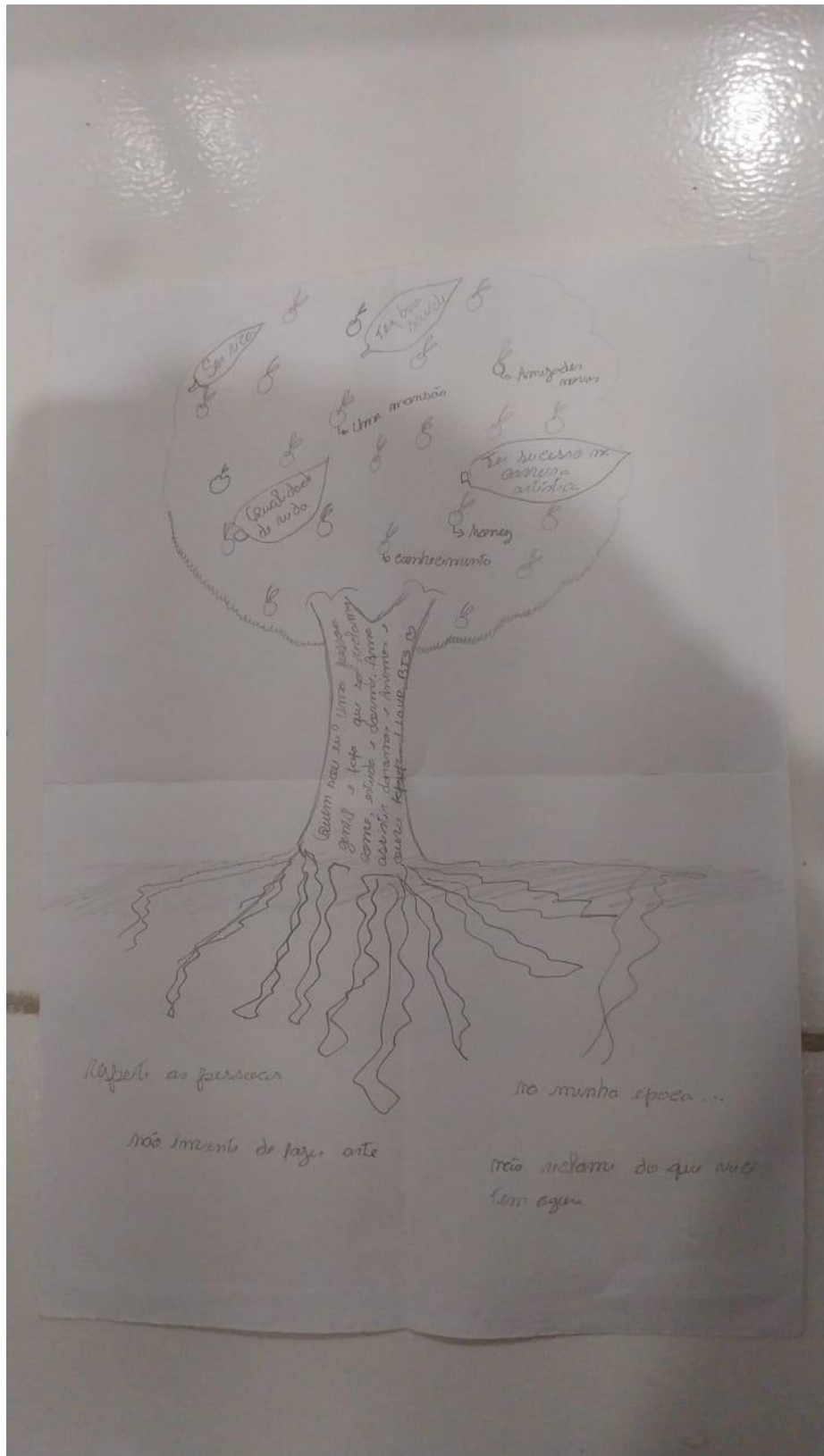
SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

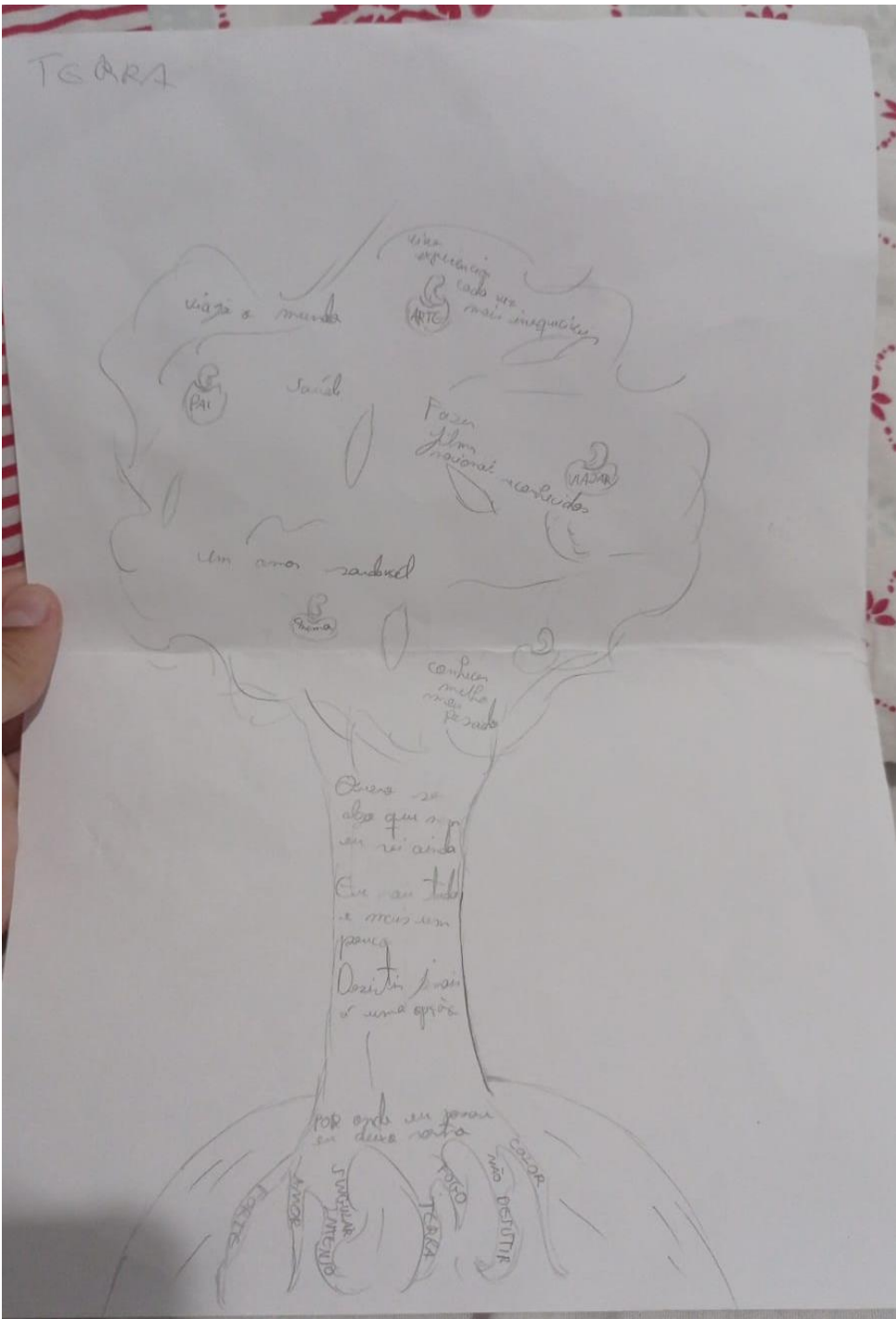
SANTOS, Sales Augusto dos. **Ação Afirmativa ou a Utopia Possível: O Perfil dos Professores e dos Pós-Graduandos e a Opinião destes sobre Ações Afirmativas para os Negros Ingressarem nos Cursos de Graduação da UnB**. Relatório Final de Pesquisa. Brasília: ANPED/ 2º Concurso Negro e Educação, mimeo, 2002.

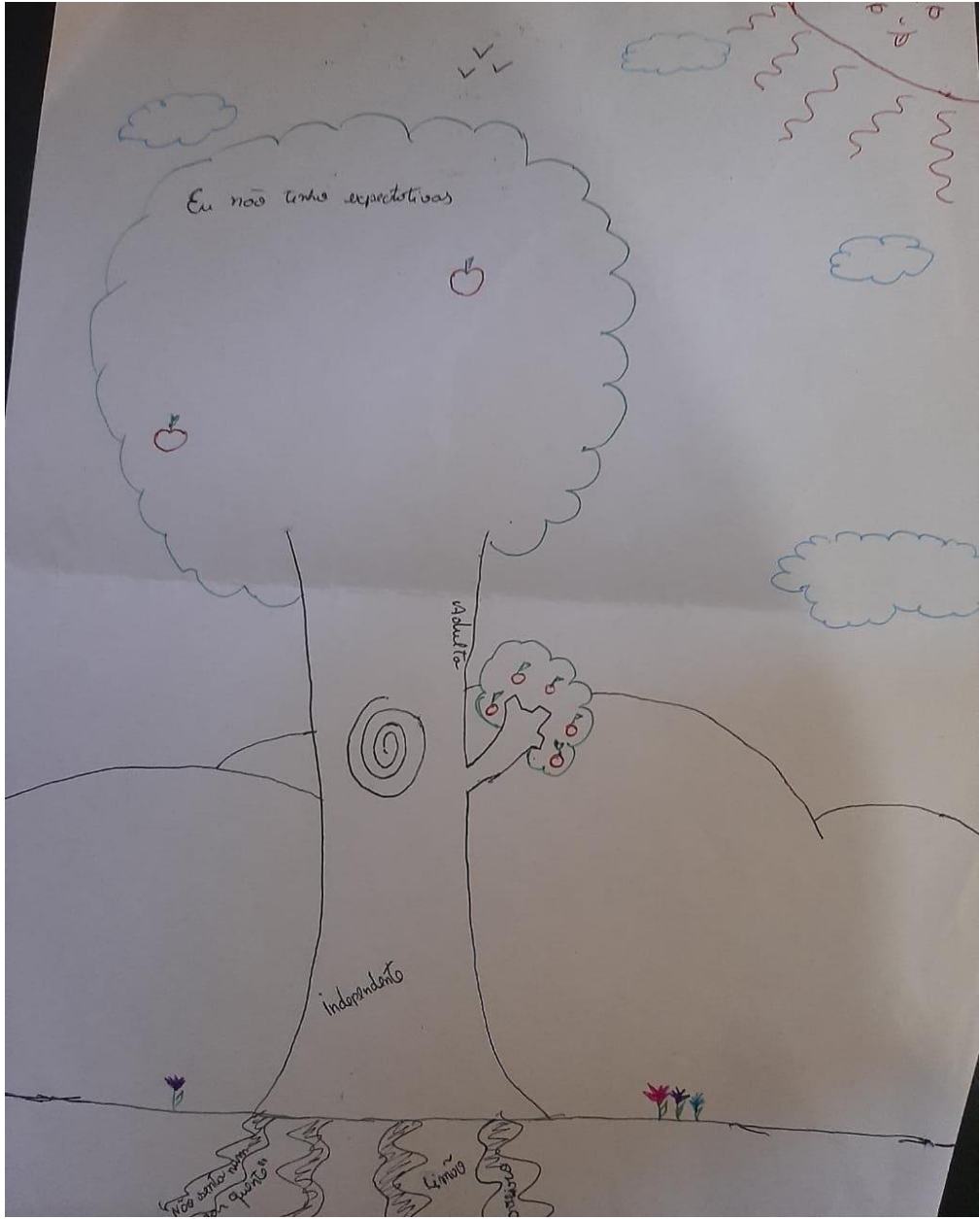
ANEXOS

ANEXO A - Exercício Árvores Dos Caminhos Na Oficina Teatral: Em Busca De Mim

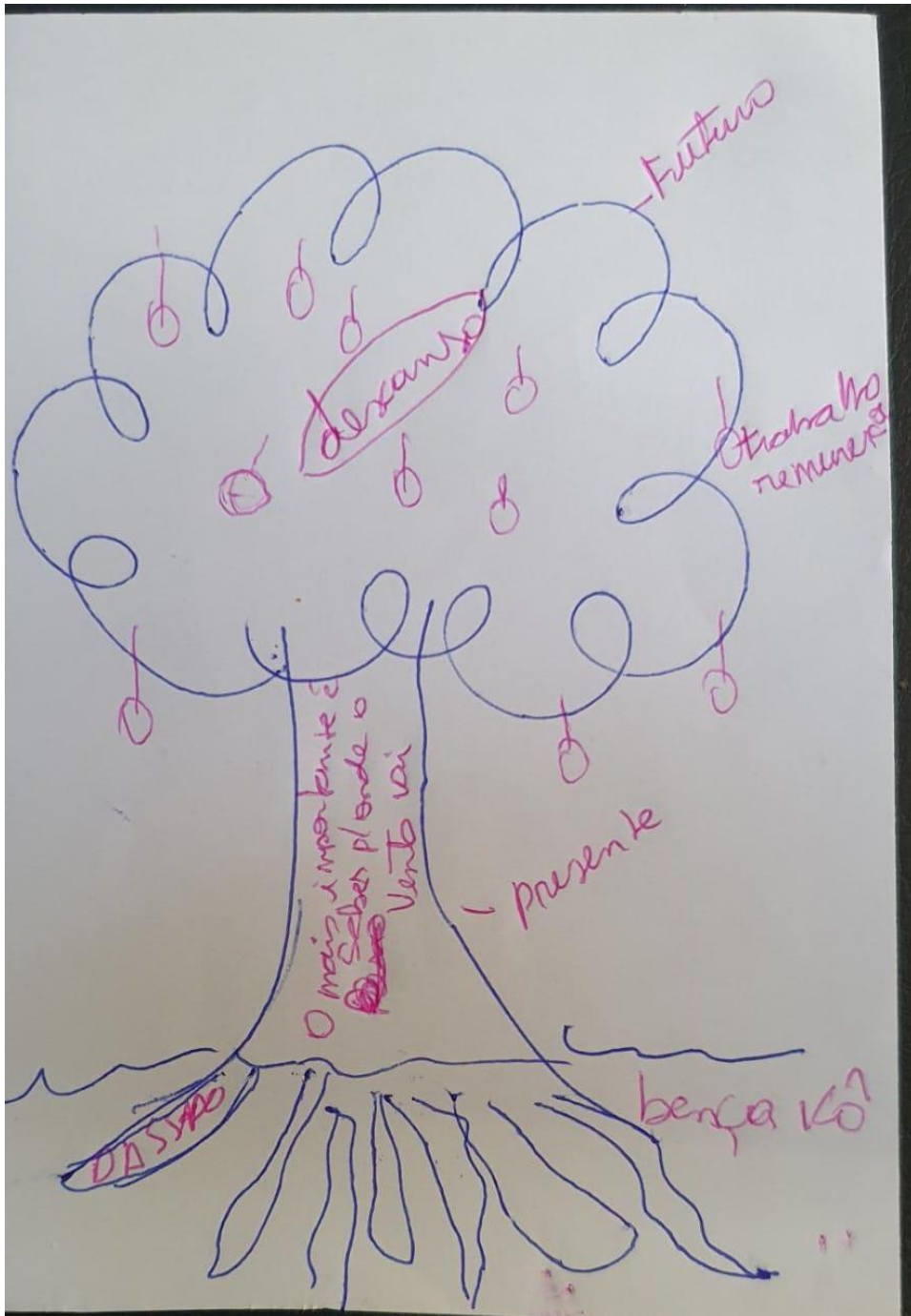








**ANEXO B - Exercício Árvores Dos Caminhos Na Disciplina Sistematização De Práticas Em Pedagogia Do Teatro**



PAZ

CIAREZA

SAUDE

TRABALHO

DISCERNI  
MENTO

Equil. baixo

LIMITE  
NUNCA VOLTE PARA  
O QUE DESTRUIU

MARIA

JOSE'



